



ROSILAINE CARDOSO SILVA

## **O AUXÍLIO DO LÚDICO NA DIMINUIÇÃO DA AGRESSIVIDADE ESCOLAR**

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**ORIENTADOR:** Me. Cesar Clemente

**LINHA DE PESQUISA:** Situações e práticas pedagógicas

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG  
2017**

ROSILAINE CARDOSO SILVA

# **O AUXÍLIO DO LÚDICO NA DIMINUIÇÃO DA AGRESSIVIDADE ESCOLAR**

**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

---

**Orientador - Me. César Clemente**

---

**Professor Avaliador: Me. Cláudio Manoel Person**

---

**Professor Avaliador: Me. Geny Gonçalves dos Reis**

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG  
2017**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho àquelas pessoas que foram indispensáveis durante esta jornada, especialmente a Pedro e Cauã, meus filhos, pelo amor, paciência e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço, e mais aos colegas e familiares que contribuíram direta ou indiretamente para que meu sonho se concretizasse.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que incomparável e inconfundível na sua infinita bondade, compreendeu nossos anseios e nos deu a necessária coragem para atingirmos o nosso objetivo, oferecemos o nosso porvir e pedimos forças para sempre agirmos com eficiência em nosso trabalho e acerto em nossas decisões.

Em memória de Terezinha Norberto Cardoso Silva...

Você partiu antes que o momento tão esperado chegasse. Às vezes, fico imaginando como seria vê-la sentada aí, nesta plateia, olhando para mim com os olhos cheios de lágrimas e o coração transbordando de orgulho, Sinto saudades!

Eu sei que, de uma forma ou de outra, você estará comigo. Sentirei sua presença, linda, sorrindo e feliz, quando receber meu diploma. Sentirei sua mão carinhosa a afagar meus cabelos e, neste instante, abraçá-la-ei em silêncio, sorrirei para você e deixarei fluir esta emoção. Ouvirei seus aplausos. E terei certeza de que, onde você estiver, estará repartindo comigo a alegria deste momento. Estou realizando um sonho nosso e só consegui por que tenho você dentro de mim. Você não está mais aqui, mas eu ainda sou uma parte sua e carrego comigo tudo de bom que me deixou.

Ao Professor Mestre e orientador César Clemente, que durante a orientação deste trabalho, me transmitiu seus conhecimentos e experiências profissionais com dedicação e carinho, guiando-me para além das teorias, expressei os meus maiores agradecimentos e meu profundo respeito, que sempre serão poucos diante do muito que me foi oferecido.

Amor e ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas. Mas amor e ódio envolvem agressividade. Por outro lado, a agressão pode ser um sintoma de medo. [...] De todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens. (Winnicott, 1939)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. AGRESSIVIDADE INFANTIL .....</b>	<b>13</b>
<b>2. A MANIFESTAÇÃO DA AGRESSIVIDADE INFANTIL NA FAMÍLIA E NA ESCOLA E SUAS INTERVENÇÕES</b>	
2.1 Manifestações gerais da agressividade infantil .....	19
2.2 A agressividade na família e na escola.....	21
2.3 <i>Bullying</i> : uma das manifestações da agressividade .....	25
2.4 A psicologia na avaliação do comportamento agressivo infantil .....	30
<b>3. O AUXÍLIO DO LÚDICO NA DIMINUIÇÃO DA AGRESSIVIDADE ESCOLAR</b>	
3.1 Atividades lúdicas como método na aprendizagem .....	32
3.2 O lúdico e a agressividade .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>

## RESUMO

SILVA, R. C. O auxílio do lúdico na diminuição da agressividade escolar. 2017, 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Calafiori, São Sebastião do Paraíso, 2017.

O comportamento agressivo das crianças tem sido amplamente estudado e discutido principalmente por apresentar íntima ligação com a dificuldade no aprendizado e no sucesso escolar. A agressividade é inerente do ser humano e se faz presente nas crianças desde a primeira infância, no entanto, quando não revertida a tempo através da interação entre a família e a escola, torna-se um transtorno de conduta na vida adulta. A agressividade pode manifestar-se de diferentes formas, seja física ou verbal, de forma direta ou indireta, através do *bullying* ou *cyberbullying* e estudos revelam que a origem de tais comportamentos geralmente está associada ao ambiente familiar e às deficiências afetivas da criança e/ou ao ambiente escolar, não muito atrativo nos dias atuais. No contexto escolar, inclusão de atividades lúdicas auxilia no desenvolvimento do aluno, principalmente nos domínios cognitivos e afetivos. Independente se na forma de brinquedo, brincadeira ou jogos, a ludicidade auxilia na canalização das condutas agressivas e permitem que a criança se desenvolva sob o ponto de vista cognitivo, psicossocial, motor e afetivo, sendo um meio facilitador da aprendizagem e da socialização. O lúdico é recurso pedagógico valioso, sendo um forte aliado ao desenvolvimento da criança por promover prazer na execução das atividades e assim reduzir seus impulsos agressivos. O desenvolvimento deste trabalho, realizado pelo método qualitativo, justifica-se pela necessidade que temos em entender as relações entre o comportamento agressivo das crianças e a dificuldade no aprendizado escolar abordando o auxílio do lúdico na diminuição de tal conduta.

**Palavras-chave:** Agressividade infantil; *Bullying*; Lúdico.

## ABSTRACT

SILVA, R. C. The help of the playful one in the reduction of the school aggressiveness. 2017, 56 f. Completion of course work. Degree in Pedagogy. Calafiori College, São Sebastião do Paraíso, 2017.

The aggressive behavior of children has been widely studied and discussed mainly because it is intimately connected with the difficulty of learning and school success. Aggressiveness is inherent in the human being and is present in children from infancy, however, when not reversed in time through the interaction between family and school, it becomes a behavioral disorder in adult life. Aggression can manifest itself in different ways, either directly or indirectly, through *bullying* or *cyberbullying*, and studies reveal that the origin of such behavior is usually associated with the family environment and the affective deficiencies of the child and or to the school environment, not very attractive these days. In the school context, the inclusion of play activities assists the development of the student, mainly in the cognitive and affective domains. Regardless of whether it is in the form of play, play or games, playfulness assists in the channeling of aggressive behaviors and allows the child to develop from a cognitive, psychosocial, motor and affective point of view, being a facilitating means of learning and socialization. The playful is a valuable pedagogical resource, being a strong allied to the development of the child to promote pleasure in the execution of activities and thus reduce their aggressive impulses. The development of this work, carried out by the qualitative method, is justified by the need to understand the relationship between the aggressive behavior of the children and the difficulty in the school learning approaching the help of the ludic in the reduction of such behavior.

**Palavras-chave:** Child aggression; *Bullying*; Ludic.



## **LISTA DE TABELA**

Tabela 1. Materiais e brinquedos que auxiliam a liberação da agressividade.....	46 e 47
---	---------

## INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o comportamento agressivo das crianças, tema que tem sido foco de pesquisadores, visto que, pelas suas diferentes formas de manifestação em cada idade, não é facilmente definido pelos estudiosos.

Para os psicanalistas Klein (1970) e Winnicott (1987), a existência de impulsos agressivos é inerente à constituição do ser humano, e segundo eles, a delinquência e o comportamento anti-social na vida adulta, constituem um processo que se inicia precocemente e está estreitamente ligado ao desenvolvimento infantil.

Nota-se que muitos pais são responsáveis pelo desenvolvimento do comportamento agressivo de seus filhos e frequentemente não têm consciência do quanto à ausência da correção de tal atitude são prejudiciais na maturidade das crianças, pois para enfrentar tal situação, ignoram o comportamento do filho acreditando que é algo passageiro e dependente da idade em que se encontra.

É imprescindível o estudo da agressividade já que, esta colabora no progresso dos filhos e alunos e quando não são passageiros refletirão em outras fases da vida. Afinal, algumas crianças demonstram agressividade apenas para chamar atenção dos pais, quando os mesmos são muito ocupados e não tem tempo para o filho. A mãe é considerada de maior significância na formação da criança, no entanto, a mais culpada na ausência e no comportamento provocador dela.

Os pais devem ficar atentos quanto à maneira de agir da criança para que intervenham e garantam o desenvolvimento socioemocional da mesma. Neste momento, os pais são necessários e importantes para ajudar no diagnóstico dos filhos.

Segundo Maiane Santos Malaquias e Suely de Souza Ribeiro, a atividade lúdica possui um papel de grande importância no processo ensino aprendizagem da criança:

O lúdico é parte integrante do mundo infantil da vida de todo ser humano. Os jogos e brinquedos fazem parte da infância das crianças, onde a realidade e o faz de conta intercalam-se. O olhar sobre o lúdico não deve ser visto apenas como diversão, mas sim, de grande importância no processo de ensino-aprendizagem na fase da infância. A criança ao brincar e jogar se envolve tanto com a brincadeira, que coloca na ação seu sentimento e emoção. Pode-se dizer que a atividade lúdica funciona como um elo integrador entre os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais, portanto a partir do brincar, desenvolve-se a facilidade para à aprendizagem, o desenvolvimento social, cultural e pessoal e contribui para uma vida saudável, física e mental. (MALAQUIAS; RIBEIRO, 2013)

A escola é fundamental para o desenvolvimento das habilidades da criança, principalmente quanto ao comportamento empático que em sua ausência pode levar a violência e a agressividade.

A instituição enfrenta esta dificuldade, pois os comportamentos agressivos são prejudiciais ao aprendizado das crianças, devido a uma correlação entre as situações vivenciadas no ambiente familiar ou fora deste e o cotidiano escolar, atrapalhando o rendimento e a concentração da criança nas atividades desenvolvidas na sala de aula.

No primeiro capítulo, abordaremos os tipos de agressividade infantil, as tentativas de minimizar este comportamento, quem ajuda ou atrapalha na formação da criança. Ampliaremos o conceito de que o ambiente frequentado está diretamente relacionado às atitudes desenvolvidas, sendo que, em locais de briga e desordem a criança entende que seus atos também podem ser conturbados.

No segundo capítulo discutiremos como a família e a escola pode ajudar ou atrapalhar na agressividade desenvolvida pela criança. Como no capítulo anterior, o ambiente em que ela vive mostra a sua personalidade e a maneira de lidar com cada situação, caracterizando-a como agressiva ou não. Notamos que a escola pode colaborar no desenvolvimento sadio da criança, jamais esquecendo que a grande parcela de responsabilidade por ela é da família. Neste capítulo ainda serão retratados quais as possíveis intervenções que podem acontecer entre família e escola para a reversão da agressividade. A parceria entre escola e família precisa se intensificar, pois, a criança muitas vezes passa mais tempo na escola do que em sua própria casa, e o professor tem habilidades para perceber a conduta da criança, alertando sobre a necessidade de uma avaliação comportamental por um psicólogo.

No terceiro capítulo, abordaremos a importância das atividades lúdicas na diminuição da agressividade escolar.

Diante do exposto, esta pesquisa propõe-se a analisar como as atividades lúdicas contribuirão na diminuição da agressividade escolar e conseqüentemente na melhoria do aprendizado da criança.

Segundo Juliana Tavares Maurício:

Independentemente de época, cultura e classe social, os jogos e brinquedos fazem parte da vida da criança, pois elas vivem em um mundo de fantasia, de encantamento, de alegria, de sonhos onde a realidade e o faz-de-conta se confundem, apesar de a história de antigas civilizações mostrar o contrário, fazendo o brincar se transformar em pecado. Nas sociedades de mudanças aceleradas em que vivemos, somos sempre levados a adquirir competências novas, pois é o indivíduo a unidade básica de mudança. A utilização de brincadeiras e jogos no processo pedagógico faz despertar o gosto pela vida e leva as crianças a enfrentarem os desafios que lhe surgirem. Esta pesquisa irá mostrar o quanto o “lúdico” pode ser um instrumento

indispensável na aprendizagem, no desenvolvimento e na vida das crianças, tornar evidente que os professores e futuros professores devem e precisam tomar consciência disso, saber se os professores atuantes têm conhecimento de alguns conceitos, como o “lúdico” e a “brinquedoteca” e muitas outras questões sobre a relação do brincar com a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. (MAURÍCIO, 2009, pg. 01)

A presente pesquisa realizou-se pelo método qualitativo que consiste em um tipo de método de investigação usada principalmente em ciências sociais, Ibáñez, Jesús (1992), com o objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social. De acordo com Marina Cabral da Silva (2007) “o método qualitativo se justifica por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno”.

Para Minayo, a pesquisa qualitativa responde as questões muito particulares:

A pesquisa qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21)

O tema gerador para este trabalho de conclusão de curso foi: “Como o lúdico pode auxiliar na diminuição da agressividade escolar? Como o lúdico pode intervir no comportamento agressivo das crianças e facilitar a aprendizagem?”

Estabelecemos como objetivo geral da nossa pesquisa: demonstrar o auxílio lúdico na diminuição da agressividade escolar; e como objetivos específicos, descrever a necessidade da intervenção familiar e escolar para diminuição da agressividade através da inclusão de atividades lúdicas; demonstrar que a diminuição da agressividade melhora o desempenho escolar.

## 1. AGRESSIVIDADE INFANTIL

Agressividade é um distúrbio da sociedade que causa motivo de preocupação para pais, professores e interessados no desenvolvimento da criança. Procuramos estudar este comportamento para contribuir na evolução dos filhos, alunos. Os pais de maneira consciente ou inconsciente acabam colaborando para o acréscimo desta desordem.

Como o comportamento agressivo ainda é ignorado por muitos pais e educadores, é cada vez mais frequente se encontrar crianças agressivas não sendo diagnosticadas quanto à presença do distúrbio de comportamento. A agressividade é considerada uma característica de atuação normal na fase inicial do desenvolvimento do indivíduo, o que é transitória e passageira. Caso não seja, reflete em conseqüências de posteriores fases da vida.

Como dito anteriormente, os pais, na maioria das vezes quando não conhecem as causas da agressão, são negligentes, o que impede o tratamento do filho. A mãe, considerada de grande importância e responsabilidade no aspecto do desenvolvimento da criança, ao se omitir, interfere na possibilidade de um comportamento saudável que o filho poderia ter.

Ellen Fernanda dos Santos assim retrata o desenvolvimento do “eu” normal, ressaltando que este depende de algumas fases da vida de uma criança, que se não vivenciados normalmente contribuirão para uma agressividade anormal:

“Eu” adquire consciência de si através da oposição e é por ela que vivenciará uma experiência e se moldará sob a resistência de um “não-Eu”. Tanto a submissão quanto a frustração excessiva são graves fatores patogênicos que desenvolverão um “Eu” anormal, insuficiente e perturbador. As fases como: desmame, educação do asseio, reação ao negativismo dos três anos, reação ao nascimento de um irmão ou irmã, reação às atitudes dos progenitores; são importantes quadros que, quando não vivenciados de modo saudável, são fortes contribuintes para uma agressividade anormal. (SANTOS, 2008, pg. 03)

Neste sentido, consideramos que tanto a submissão quanto a frustração excessiva são graves fatores patogênicos que desenvolverão um “eu” anormal e perturbador.

Ressaltamos que não são raros os casos em que os pais desconhecem ou ignoram fatores mais importantes que deram origem à agressividade e na reversão da mesma. Portanto, é de grande importância conhecer a origem da agressividade para reverter a situação. Os pais que não são claros em sua postura quanto a sua educação e limites acabam sendo vistos como influenciados pelo ambiente familiar e social em que vivem.

Maia e Vilhena corroboram com esta ideia, alegando que as bases para a agressividade estão relacionadas com os pais:

A base de tal comportamento encontra-se inicialmente nos pilares parentais, na falha das funções maternal e paternal. Onde a agressividade seria o meio pelo qual a criança buscaria resolver a inversão de papéis, ou a sua diluição, a que muitas vezes encontra-se. Então, a exemplo dos pais, a criança vivenciará de forma simbólica uma eterna adolescência. Nessa confusão de papéis os pais encontram-se em um ideal de “adolescência” e constituem uma família adolescente que não fornecerá papel ao qual se encaixe a criança e os adultos de forma distinta, de modo que muitas vezes esses papéis apresentam-se confusos ou simplesmente inexistentes. (MAIA; VILHENA, 2003, pg. 04)

Já a criança de mais idade a agressão constitui na relação entre si, diferente dos primeiros anos onde a conjugação de amor está no impulso de morder. É importante considerarmos a individualidade e vivência de cada um. Estimamos que fossem avaliados aspectos da criança e da família como: idade, sexo, estrutura familiar, condição socioeconômica, ano escolar, interfere muito no comportamento agressivo.

Muitas vezes a criança pode sofrer de maneira silenciosa e de certa forma afastar do convívio social. Ao se desviar do comportamento social considerado normal e que continua a manifestar comportamentos agressivos podemos notar a maneira que acontece com determinadas pessoas e lugares. Caso a criança não apresente tolerância a qualquer frustração é importante dar uma atenção maior a ela.

A influência dos pais é de grande importância, pois quando são mal orientados ou até mesmo negligentes predomina a agressão da criança. Eles têm papel importante no desenvolvimento do filho e muitas vezes não consegue impor limites e disciplinar, onde demonstram agressividade. O mesmo pode ir do sutil ao exagero no qual a responsabilidade dos pais ficam em evidência para conter os excessos.

As crianças que convivem com a ausência ou carência afetiva do âmbito familiar pode ser marcada pela falta de esperança e não conseguem resgatar ou encontrar algo que lhe foi bom. Quando apresentam apatia e passividade podem ter encontrado no silêncio a maneira de demonstrar algo que as incomoda. Muitas vezes o calar pode ser a fuga da realidade, apatia, aparente desinteresse por atividades em grupo e desinteresse escolar.

Nota-se que um dos desafios que a escola enfrenta é a agressividade na infância o que vem trazendo um risco a aprendizagem. Este comportamento é tido também como uma forma antissocial e suas características cognitivas apresentam de maneira à distorção nas habilidades de solução de problemas hostis, ressentimento e outros fatores de risco, como por exemplo, baixa inteligência, violência familiar, isolamento social, rejeição da criança, abusos, fracasso escolar, desvantagens socioeconômicas, discriminação social e cultural, o que pode apresentar problemas de atenção.

Segundo Del Prette:

Associadas às estratégias para controle de comportamentos antissociais, podem-se verificar propostas de desenvolvimento socioemocional visando ampliar os fatores protetores dos problemas de agressividade. Destaca-se, aqui, a importância atribuída ao desenvolvimento de valores e comportamentos pró-social, especialmente de empatia. (DEL PRETTE, 2003, pg. 84)

Podemos citar a empatia como uma subclasse de habilidades sociais, onde inclui três aspectos fundamentais em sua definição: cognitivo, o afetivo e o comportamental. Desta maneira, caracteriza a capacidade de aprender sentimentos e identificar-se com o outro.

Devemos ficar atentos quanto ao controle do impulso imediato à comunicação como a concentração na visão dos sentimentos, observarem sinais não verbais presentes na comunicação, controle de defesa, paciência, sinceridade e disposição de ouvir são fatores importantes para desenvolver a habilidade empática.

A violência e a agressividade envolvem a falta de empatia e pode ser desenvolvido de forma intencional, sem sensibilizar com o outro. Estes déficits refletem na inadequação de socializar e aprender. Como o primeiro ambiente de interação dos indivíduos, depois do familiar, é a escola, é neste que deverão ser complementados o desenvolvimento das habilidades sociais, incluindo o comportamento empático.

Constatamos que crianças com menor idade apresentam comportamentos inferiores com frequência como insultar e provocar, já os de maior idade, utiliza de expressões provocativas.

Segundo Marcelli há dois aspectos de agressividade “Um pode surgir como uma conduta simples e objetiva e outra como intenção particular da criança. Segundo o autor, conduta de ataque”.

Conforme o autor supracitado:

Por volta dos dois anos à criança pode ter reações mais ou menos agressivas, como, por exemplo, demandar, reclamar, exigir, bater os pés, gritar, entre outras. Em meio de dois e três anos essa agressividade pode se manifestar através de ataques aos pais, amigos, irmãos, professores, entre outros, e pode provocar comportamentos como arranhar, puxar os cabelos, morder crianças da sua idade. A partir dos quatro anos, a criança passa a expressar sua agressividade verbalmente, usando menos gestos. Nesta fase os meninos são mais agressivos que as meninas. Estas condutas desaparecem ao longo dos anos, mas podem existir casos de crianças que continuam se mostrando agressivas, batendo em seus colegas e até mesmo em adultos ou nos seus pais. (MARCELLI, 1998, pg. 12 )

Para França e Yaegashi, crianças como comportamento agressivo geralmente destacam-se nos ambientes em que frequentam:

As crianças ditas agressivas são aquelas que geralmente se destacam na creche, na escola, nas festas de aniversário, em reuniões familiares ou sociais, nos clubes, na rua, etc., apresentando comportamentos como: empurrar as outras crianças, atacar

fisicamente, destruir os pertences de seus companheiros, criar situações ameaçadoras, preparar armadilhas e até mesmo criar grupos (gângues) para dirigir/manipular outras crianças. (FRANÇA; YAEGASHI, 2005, pg. 12)

Ainda segundo as autoras, França e Yaegashi, o comportamento destas crianças incomoda os adultos:

Os adultos não gostam do comportamento de crianças que são extremamente irrequietas, impulsivas, desobedientes, que falam alto, interrompem a aula com frequência, cutucam e provocam os outros. No entanto, esses comportamentos precisam ser vistos em perspectiva, já que ocorrem num sistema com um duplo padrão entre crianças e adultos. Quando a criança demonstra algo que não está na sua rotina ela está “colocando pra fora” seus pensamentos e ações. Os adultos não gostam desta atitude, pois acreditam ser de crianças desobedientes, impulsivas, que falam alto, interrompem a aula com frequência. (FRANÇA; YAEGASHI, 2005, pg. 12)

Nota-se que a agressividade pode acontecer independentemente de classe social, no entanto, geralmente aparece nas famílias em que há atitudes são de excesso de proteção, rejeição ou super autoridade. Logo, é necessário que a criança expresse suas emoções, sentimentos (bons ou ruins), sanando assim seus conflitos e suas ansiedades.

A agressividade tem sido argumentada por vários pesquisadores, e estes atribuem algumas causas possíveis para justificar tal comportamento. Train assim discorre sobre estas possíveis causas:

- 1) Instintos: a criança altamente agressiva pode ser concebida como alguém que nasceu com um forte instinto agressivo como parte dominante de sua constituição;
- 2) comportamento: a criança é agressiva por causa de sua experiência de vida e de sua criação;
- 3) meio-ambiente: o caráter de uma pessoa é uma combinação de sua personalidade singular e de sua experiência de mundo. Há uma tendência inata para o amor e uma tendência para a destruição. (TRAIN, 1997, pg. 14)

Conforme Ballone (2001, p. 01), “a conduta agressiva entre os pré-escolares é influenciada por fatores individuais, familiares ou ambientais”. Esta questão será detalhada posteriormente, no capítulo 2 deste trabalho.

Para França e Yaegashi os fatores que podem dar origem à agressão e à violência, são a pessoa e o meio, considerando-se os aspectos próprios da criança como o temperamento (e caráter), as diferenças de sexo e as condições neurológico-cognitivas, conforme transcrição abaixo:

**Temperamento:** geralmente as crianças agressivas costumam ter algum traço de difícil na personalidade. São classificadas como adultos como tendo personalidade forte, comportamento genioso, temperamental, entre outros adjetivos.



**Diferenças de sexo:** os meninos sempre foram ditos “mais agressivos” que meninas; no entanto, esta classificação está diminuindo, provavelmente devido às mudanças socioculturais.

**Condições neurobiológicas:** pesquisas procuram relacionar a atividade da enzima Monoaminaoxidase (MAO) plaquetária diminuída, com uma baixa capacidade de controle dos impulsos. Níveis baixos do neurotransmissor serotonina foram relacionados a comportamentos suicidas, piromânicos, agressivos e cruéis. Na área dos transtornos explosivos e agressivos, pesquisas atuais têm sugerido que o aumento da serotonina pode moderar brilhantemente o caráter impulsivo e irritável das pessoas agressivas.

**Condição cognitiva:** crianças com problemas de conduta podem ter dificuldade na leitura e déficit nas habilidades verbais. (FRANÇA; YAEGASHI, 2005, pg. 15)

De acordo com Ballone, alguns fatores estão correlacionados à conduta agressiva: mães pouco afetivas, o que pode constituir uma situação de risco, ao predispor seus filhos a desenvolverem condutas agressivas; ocorrência de depressão materna antes do parto; psicopatologia materna; família com um só dos pais presentes; estressores familiares; baixo nível econômico; conflito matrimonial.

Alguns pontos que podem colaborar nos sintomas agressivos:

- 1) Hostilidade e competitividade: atua como fator ambiental de estresse, incitando a criança a experimentar desequilíbrio emocional interno, insegurança e alto grau de incerteza;
- 2) Diferenças de interação entre os pais: quando um dos pais se distanciarem ou excluir da vida da criança, causa um vazio familiar acompanhado de insegurança, ansiedade, tristeza, o que agrava a situação;
- 3) Harmonia familiar: fator de proteção e segurança necessário ao desenvolvimento confortável da criança.
- 4) Apoio mútuo de ambos os pais: coesão entre os pais independente se serem separados ou não. (BALLONE, 2001, pg.16)

Para França e Yaegashi, na maioria dos casos as mães são as grandes culpadas da agressividade infantil quando não dão deveres para os filhos, nem responsabilidades, nem limites. Com a superproteção fazem com que tornem pessoas sem tolerância à frustração. As ações agressivas podem ser manifestadas por crises de cólera, ataques físicos a outras pessoas ou até mesmo de características destrutivas.

Retrata Train, que se algumas necessidades das crianças se não forem atendidas, podem ocasionar comportamentos difíceis. Para o autor, as crianças precisam ter uma visão clara do mundo e sentirem que as pessoas sempre estarão presentes, bem como ter um objetivo na vida, fazer parte das atividades familiares, receberem estímulos para o desenvolvimento da linguagem e pensamentos, desenvolver um bom vínculo com os pais ou alguém importante em sua vida, para que se torne independente, com vontades próprias e autocontrole. Além disto, ainda precisa se sentir amada pelos pais e pessoas que a rodeiam.

Para França e Yaegashi:

Cabe aos pais e profissionais que lidam com a criança agressiva refletirem sobre quais as possíveis causas de tais comportamentos. E aos pais, de modo mais específico, cabe pensar sobre as situações que possam ter desencadeado ou que colaboraram para o surgimento do problema de seu filho, sem, no entanto, bloquear a verdade. É preciso ter em mente que não é possível acertar sempre com os filhos, e que existem muitas situações que fogem do nosso controle. O que os pais devem saber é que buscar ajuda de um profissional competente na área é uma boa oportunidade de evitar um grande problema no futuro. (FRANÇA; YAEGASHI, 2005, pg. 17)

A intervenção dos pais no início das manifestações de condutas agressivas torna-se essencial para a reversão do problema, antes que estas fujam do controle e passem a atitudes violentas na vida adulta.

No Capítulo 2 abordaremos a necessidade da intervenção dos pais e da escola nas diferentes formas de manifestação da agressividade.

## **2. A MANIFESTAÇÃO DA AGRESSIVIDADE INFANTIL NA FAMÍLIA E NA ESCOLA E SUAS INTERVENÇÕES**

A agressividade infantil pode se manifestar na família, na escola ou em qualquer ambiente de convívio social da criança e requer intervenção para que a situação seja revertida ainda na primeira infância evitando consequências para a vida adulta.

### **2.1 Manifestações gerais da agressividade infantil**

A agressividade pode manifestar-se de diferentes formas. Segundo Fariz, Mias & Moura:

O comportamento agressivo é próprio da espécie humana e apresenta múltiplas configurações. Ele pode ser expresso pela via motora, através de movimentos de ataque ou fuga; pela via emocional, com a experimentação de sentimentos de raiva e ódio; pela via somática, como a apresentação de taquicardia, rosto ruborizado, além das demais reações autonômicas; pela via cognitiva, através de crenças de conquistas sem que importem os meios, planos de ação que envolve a manipulação do meio; e finalmente, a via verbal, da qual o indivíduo vai utilizar-se do sentido das palavras para expressar controle em relação aos outros. (FARIZ; MIAS; MOURA, 2005. pg. 57).

Tanto a família quanto a escola, devem ficar atentos aos sinais da criança e de como a agressividade será demonstrada, podendo ser constatada através de gritos, ameaças, quebrarem objetos, xingar ou até mesmo se autoagressão.

Para Berger, a agressão pode ser caracterizada de três formas:

A agressão instrumental: empregada para obter ou reter um brinquedo ou outro objeto qualquer; a agressão reativa: a retaliação raivosa em função de um ato intencional ou acidental; a agressão ameaçadora: um ataque de agressão espontâneo (BERGER, 2002, pg. 202).

Segundo Barros e Silva (2006, pg. 56) “crianças agressivas não só superestimam a hostilidade alheia, mas parecem também subestimar a sua própria agressividade, mostrando que possuem pouca acuidade da percepção de seus próprios comportamentos”. Para os autores demonstrações deste comportamento agressivo geram por parte das crianças menos soluções verbais e mais respostas não verbais se comparados aos indivíduos não agressivos.

Nota-se que há diferença no comportamento social e, logo na agressividade. Este comportamento pode ser definido pela personalidade e ter uma grande contribuição genética, bem como ter por base o temperamento humano. Segundo Bee (2003, pg. 658), o

“temperamento é a matriz na qual se desenvolve posteriormente a personalidade do adulto e da criança”.

Cloninger, Svrakic e Przybeck realizaram um estudo sobre o temperamento e apontam algumas dimensões básicas para o mesmo:

**Busca por novidades e sensações:** esse tipo de temperamento é marcado por comportamentos de exploração e ativos em relação ao ambiente, condutas marcadamente impulsivas, impaciência, irritabilidade e busca por gratificações imediatas. A emoção mais aparente é a raiva e o objetivo maior é a busca pela liberdade;

**Evitação de dano e perigo:** nessa classificação do temperamento é evidente o pessimismo, a evitação, a passividade, a timidez e a inibição de comportamentos quando há possibilidade de frustração ou ameaça. A emoção que mais se evidencia é o medo e o objetivo mais marcante é o de preservação.

**Necessidade de contato e aprovação social:** a natureza nesse tipo de temperamento é afetuosa, calorosa e disponível. Há grande sensibilidade nas relações sociais, o que inclui uma tendência à manifestação da empatia. Por outro lado, há marcante necessidade de aprovação social. A emoção mais aparente é o apego e a expressão de afeto.

**Persistência:** nesse tipo de temperamento, característica como a determinação, a ambição e o perfeccionismo são as mais importantes. Esses indivíduos tendem a encarar frustrações e obstáculos como desafios, abrindo mão de recompensas imediatas e inconstantes em favor daquelas a longo prazo. (CLONINGER; SVRAKIC; PRZYBECK, 1993, pg. 976).

A criança deve ser observada a todo o momento, pois a construção das habilidades socio-emocionais é influenciada pelo ambiente que ela vive. A maneira como é tratada pela família, escola e amigos são fundamentais para o comportamento das mesmas. Aquelas que passam por conflitos, angústias, algum tipo de abuso físico ou psicológico podem sofrer um avanço para manifestações agressivas.

Segundo Eliane Bárbara Krticka:

A criança começa bem cedo a vivenciar os conflitos com suas pulsões destrutivas, já no final do primeiro ano de vida e início do segundo. Trata-se de uma experiência dolorosa, marcada por tensão, angústia, culpa e medo. Quanto menor a capacidade da criança de tolerar estes sentimentos, maior a necessidade de bani-los de seu mundo interno, projetando-os para fora. Com isso, o ambiente passa a representar um perigo em potencial, já que se torna o depositário de sentimentos fortes e destrutivos da criança, despertando-lhe mais angústia. A autora explica que o comportamento antissocial viria aplacar esta angústia, pois as represálias sofridas em função da agressividade confirmariam a fantasia de um mundo perigosamente mau, e as punições também minimizariam a ansiedade e a culpa sentida inconscientemente pelo fato de provocarem sentimentos ruins no mundo externo. Klein afirma que a capacidade de suportar ansiedade e tolerar sentimentos de culpa, a etapa de desenvolvimento em que fatos traumáticos ocorreram e a história de vida constituem os fatores que diferenciam a criança "normal" daquela mais predisposta à personalidade antissocial. (KRTICKA, 2013, pg. 3)

A escola pode ser um grande aliado tanto positivo quanto negativo. A maneira com que os docentes tratam as crianças utilizando de punições mais severas pode contribuir com o aumento da agressividade. Por outro lado, a família precisa atentar-se aos desenhos e filmes que os filhos veem, alguns têm cenas bastante violentas e podem auxiliar na conduta da criança.

Segundo estudo de Caspi, envolvendo crianças de 5 a 12 anos, apontou resultados importantes:

Crianças mais novas (com idade de cinco a seis anos), oriundas de famílias punitivas, tendem a exacerbar comportamentos violentos quando expostas a programas que mostravam agressão. Esses resultados sugerem que a televisão pode até não ser a causa da agressividade, mas é, sem dúvidas, um componente complementar para a manifestação agressiva. (CASPI, 1998, pg. 59)

O comportamento agressivo incomoda as pessoas que convivem com a criança portadora de tal conduta, seja na escola ou no ambiente familiar. A seguir, abordaremos sobre as formas de agressividade apresentadas nestes dois ambientes.

## **2.2 A agressividade na família e na escola**

A questão do comportamento da criança tem sido foco de pesquisadores, especialmente quando se trata de um comportamento agressivo

O comportamento agressivo tem ganhado espaço na escola, na família e na área da psicologia devido ao fato comumente enfrentado por crianças em todo o mundo. Inúmeros instrumentos têm sido utilizados tanto na literatura internacional quanto brasileira para avaliação. No Brasil estas ferramentas ainda são escassas em relação ao exterior, onde tem uma maior abrangência, o que motiva a melhorar o trabalho e as pesquisas desenvolvidas nesta área.

Segundo Mesquita *et al* (2010, pg. 66) “Alguns estudos apontaram que crianças com algum tipo de sintoma físico persistente podem apresentar dificuldades emocionais e afetivas, bem como problemas de comportamento e de interação social”.

Para Juliane Callegaro Borsa e Denise Ruschel Bandeira, o comportamento agressivo na infância está relacionado a problemas diversos:

A presença de comportamentos agressivos na infância está associada a diversos problemas, tais como, dificuldades de aprendizagem, dificuldade de adaptação no contexto escolar e pode ser um fator preditor para problemas futuros, tais como, condutas desadaptativas, evasão escolar, comportamentos delinquentes, rejeição e dificuldade de ajustamento com pares, sintomas de depressão e de ansiedade, solidão e impulsividade. (BORBA; BANDEIRA, 2011, pg. 193)

Segundo as autoras supracitadas, existe um interesse em investigar a prevalência de problemas agressivos e comportamentos em geral das crianças, principalmente quando os sintomas persistem. Nestes casos, é necessário acompanhamento médico para verificar se existe doença crônica, pois, quanto mais cedo o diagnóstico, melhor o sucesso do tratamento.

As primeiras manifestações de agressividade são e devem ser percebidas no ambiente familiar. Os pais são os primeiros a se incomodarem e a se perturbarem com as manifestações de agressividade pela criança, que reagem de diversas maneiras frente a situações impostas ou de acordo com a idade.

Segundo França e Yaegashi, no ambiente familiar, as manifestações de agressividade estão frequentemente relacionadas à expressão emocional (reação de raiva) ou a uma conduta de ataque e que já se iniciam desde bebês e se não forem patológicas desaparecem ao longo dos anos.

Desde bebês as crianças já se manifestam com ou sem prazer frente a situações impostas. Por volta dos dois anos a criança pode ter reações mais ou menos agressivas, como, por exemplo, demandar, reclamar, exigir, bater os pés, gritar, entre outras. Mais ou menos por volta dos dois ou três anos essa agressividade pode se manifestar através de ataques aos pais, amigos, irmãos, professores, etc., e podendo provocar comportamentos tais como arranhar, puxar os cabelos, morder crianças da sua idade, entre outros. A partir dos quatro anos, a criança passa a expressar sua agressividade verbalmente, usando menos os gestos. Nessa fase, os meninos adotam mais seguidamente atitudes agressivas do que as meninas. (FRANÇA; YAEGASHI, 2005, pg. 12)

Segundo Berger (2003, pg. 202), as crianças são mais agressivas aos 4 que aos 2 anos, pois, “à medida que se tornam mais conscientes de si mesmas e de suas necessidades, as crianças tem maior probabilidade de defender seus próprios interesses”

O ambiente familiar pode apresentar forte relação com o comportamento em geral, inclusive com o ambiente escolar.

Lisboa ainda afirma que:

A criança com menos de 5 anos, institucionalizada em internatos, orfanatos, creches, hospitais ou em qualquer outro lugar que a afaste de sua mãe, poderá vir a ter problemas na estruturação de sua personalidade. A privação materna exerce seus efeitos deletérios desde a sala de parto até o final da infância. (LISBOA, 2006, pg. 59-60)

Estudos revelam que as crianças que apresentam comportamento agressivo têm dificuldade no desempenho escolar, o que pode afetar o emocional.

É comum perceber que as pessoas que lidam com uma criança muito agressiva, normalmente sentem-se confusas e sem saber que atitude tomar. Nestes casos, onde a situação foge do controle, os pais, professores ou os profissionais que estão trabalhando com a criança acabam sentindo-se culpados com a situação.

A conduta agressiva pode variar de acordo com a idade e o gênero, e já podem ser percebidos no período pré-escolar: meninos manifestam-se mais agressivos do que as meninas.

As eventuais diferenças de conduta entre os sexos emergem na idade escolar com o processo de socialização da criança. Os meninos, quem sabe por uma questão de maior imaturidade psicoemocional e fisiológica, estão menos preparados psicologicamente que as meninas para a socialização, vida em grupo, participação cooperativa e, por isso, costumam ter mais problemas de adaptação e orientação. (BALLONE, 2002, pg. 4-5).

Conforme Borsa e Nunes (2008, pg. 319) os pais e mães são os melhores informantes para avaliar problemas emocionais e de comportamento das crianças. Os professores podem não ter uma informação precisa, pois a criança pode mudar a maneira de agir perante o educador e colegas de escola. Neste caso, avaliar esta ação não é tarefa fácil. No entanto, se baseada nas informações fornecidas por observadores (pais, professores) torna-se um tanto mais complexo devido a cada ambiente analisado.

Segundo literaturas consultadas acerca da agressividade infantil, fica clara a relação entre as suas manifestações e os fatores individuais, familiares e ambientais. Além disto, estudos estatísticos comprovam que caso a agressividade se inicie na idade pré-escolar, ela evolui de forma negativa.

A conduta agressiva entre os pré-escolares e escolares é influenciada por fatores individuais, familiares e ambientais. Entre os fatores individuais encontramos a questão do temperamento e do caráter, do sexo, da condição biológica e da condição cognitiva. A família influi através do vínculo, do contexto das inter-relações entre seus membros, da eventual psicopatologia e/ou desajuste dos pais e do modelo educacional doméstico. A televisão, os videogames, a escola e a situação socioeconômica podem ser os elementos ambientais também relacionados à conduta agressiva. Embora esses três fatores – individuais familiares e ambientais – sejam inegavelmente influentes, eles não atingem por igual todas as pessoas e nem submete todos à mesma situação de risco. O que se sabe estatisticamente é que a agressividade manifestada em idade pré-escolar, infelizmente evolui de forma negativa. Por isso necessitamos estudar e esclarecer os limites e diferenças entre as travessuras da infância e os *Transtornos de Conduta*, entre o tão propalado excesso de energia e um *Transtorno Hiperativo* e entre a elogiada responsabilidade comum na criança “tipo adulto” da *Depressão Infantil*. Precisamos estudar e esclarecer os limites entre a “personalidade forte” da criança, relatada pelo pai ou avós com certa ponta de orgulho, das condutas completamente desadaptadas da infância com enorme possibilidade de evoluir para um quadro mais grave. (BALLONE; MOURA, 2004)

Para Ballone a escola tem um papel primordial na avaliação emocional das crianças e a experiência e sensibilidade do professor serão alicerces para uma análise coerente e propostas benéficas de solução para a questão.

A escola oferece um ambiente propício para a avaliação emocional das crianças e adolescentes por ser um espaço social relativamente fechado, intermediário entre a família e a sociedade. É na escola onde a performance dos alunos pode ser avaliada e onde eles podem ser comparados estatisticamente com seus pares, com seu grupo etário e social. Com algum preparo e sensibilidade o professor estaria mais apetrechado do que os próprios pediatras, dispondo de maior oportunidade para detectar problemas cruciais na vida e no desenvolvimento das crianças. Dentro da sala de aula há situações psíquicas significativas, nas quais os professores podem atuar tanto beneficentemente quanto, consciente ou inconscientemente, agravando condições emocionais problemáticas dos alunos. Os alunos podem trazer consigo um conjunto de situações emocionais intrínsecas ou extrínsecas, ou seja, podem trazer para escola alguns problemas de sua própria constituição emocional (ou personalidade) e, extrinsecamente, podem apresentar as consequências emocionais de suas vivências sociais e familiares. (BALLONE, 2008, pg. 01)

Podem-se exemplificar como condição emocional intrínseca os problemas psíquicos inerentes à própria pessoa, próprias do desenvolvimento da personalidade, dos traços herdados e das características pessoais de cada um. Entre as questões externas à personalidade capazes de se traduzirem em problemas emocionais, encontram-se as dificuldades adaptativas da Adolescência e Puberdade, do Abuso Sexual Infantil, os problemas relativos à Criança Adotada, à Gravidez na Adolescência, à Violência Doméstica, aos problemas das separações conjugais dos pais, morte na família, doenças graves. A correlação entre estes fatores e a manifestação na agressividade será abordada no item 2.4 deste trabalho.

Silva e Larosa (2005, pg. 22) o professor bem preparado pode ser o elemento chave para que analisar a problemática e suas variações de acordo com cada etapa da escolarização e de acordo com a personalidade de cada aluno, pois está claro que as mudanças, as novidades, as exigências adaptativas, uma nova escola ou, simplesmente, a adaptação à adolescência, são condições estressantes na vida da criança.

As crianças e adolescentes como ocorrem em qualquer outra faixa etária, reagem diferentemente diante das adversidades e necessidades adaptativas, são diferentes na maneira de lidar com as tensões da vida. É exatamente nessas fases de provação afetiva e emocional que veem à tona as características da personalidade de cada um, as fragilidades e dificuldades adaptativas. (BALLONE, 2008, pg. 01)

Para Silva e Larosa (2005, pg.22) estará errando o professor que considere que todas as crianças devam sentir e reagir da mesma maneira aos estímulos e às situações, e estará na



realidade, piorando muito o sentimento de inferioridade, a ponto de fazer com que a criança não queira mais frequentar aquela classe ou não queira mais ir à escola.

Para as crianças menores, por exemplo, existem as ameaças ou a ridicularização pelas mais velhas, e esse sentimento de ridicularização é tão mais contundente quanto mais retraída e introvertida é a criança. Já, para os adolescentes, as ameaças de ansiedade geradas em ambiente intraclasse são o desempenho aquém da média nos times esportivos, nos trabalhos em grupo, as diferenças socioeconômicas entre os colegas, as diferenças no estilo e nas possibilidades de vida, no vestuário, etc. (BALLONE, 2008, pg. 02).

É imprescindível que o educador (professor, coordenador), aja com bom senso e atue muito além do posicionamento pedagógico e metodológico da prática escolar.

O tão mal afamado "aluno-problema", pode ser reflexo de algum transtorno emocional, muitas vezes advindo de relações familiares conturbadas, de situações trágicas ou transtornos do desenvolvimento, e esse tipo de estigmatização docente passa a ser um fardo a mais, mais um dilema e aflição emocional agravante. Para esses casos, o conhecimento e sensibilidade dos professores podem se constituir em um bálsamo para corações e mentes conturbados. (SILVA; LAROSA, 2005, pg. 22)

Quando a escola e a família trabalham em parceria, pode ocorrer uma reviravolta durante o período existencial da criança ou adolescente, o que poderão ajudá-los a enfrentar as dificuldades dentro de casa, bem com melhorar o desempenho escolar. Uma criança que apresenta dificuldade de concentração ou aprendizagem na escola sente-se desmotivado e começa a agir agressivamente com os colegas e faltar da escola em excesso.

No entanto, a escola não deve assumir o problema para si, mas sim, orientar os pais para buscar ajuda especializada para a criança ou adolescente, quando a situação não estiver sendo solucionada apenas pela escola e pela família.

### **2.3 *Bullying*: uma das manifestações da agressividade**

A violência é um problema de saúde pública importante e crescente no mundo, gera sérias consequências individuais e sociais, principalmente para os jovens, que são os que mais morrem e os que mais matam.

Para Aramis A. Lopes Neto:

Não se trata de uma questão de fé, mas de uma afirmação baseada em evidências. Exemplos bem sucedidos podem ser encontrados em todo o mundo, desde trabalhos individuais e comunitários em pequena escala, até políticas nacionais e iniciativas legislativas. (LOPES NETO, 2005, pg. 2)

Ao retratar a violência, a escola ainda é um espaço pouco explorado, principalmente quando o comportamento agressivo se faz presente entre seus alunos, um problema grave e complexo, provavelmente mais visível e frequente nos anos iniciais do estudante.

Este comportamento causa grande preocupação e receio na família, escola e comunidade, onde o ambiente escolar acaba se transformando em um ambiente seguro e preparado para evitar um comportamento mais enérgico.

O ambiente escolar é de grande importância para crianças e adolescentes, os que não gostam de frequentar a instituição tem maior probabilidade de apresentar resultados insatisfatórios, o que pode comprometer fisicamente e emocionalmente a saúde ou os sentimentos do aluno.

Lopes Neto descreve o *Bullying* como uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão, onde o agressor se julga mais poderoso e vitimizando outra pessoa.

A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de outra pessoa que se julga mais poderosa. Tanto um quanto outro tem consequências negativas imediatas ou tardias sobre os envolvidos. Considera-se *bullying* todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que acontecem sem motivo evidente, são motivadas por um ou mais alunos contra outro(s), causando angústia, sentimento de inferioridade. A maioria dos casos acontece dentro das escolas e muitas vezes são vistos como naturais, onde acaba sendo ignorado pelo corpo docente. (LOPES NETO, 2005, pg. 165)

Tanto os pais quanto os professores desejam que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde a criança possa desenvolver ao máximo as suas habilidades e potenciais intelectuais. Violências sofridas pelas crianças podem ocasionar danos físicos ou psicológicos que as afetarão no futuro delas.

Há duas classificações distintas para o *bullying*, o direto e indireto, assim retratados por Lopes Neto:

São considerados bullying direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O bullying indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas (LOPES NETO, 2005, pg. 166).

Observa-se um predomínio maior entre os agressores do sexo masculino, enquanto no papel de vítima não há diferença de gêneros. Para Lopes Neto (2005, pg. 166), o fato dos

meninos envolverem-se mais nestes atos não quer dizer que sejam os mais agressivos, mas que adotam mais este tipo de comportamento. As meninas por serem mais sutis podem dificultar a identificação do ato e na maioria das vezes é executado longe da visão dos adultos.

Relata-se ainda outro tipo de comportamento, mais recente e mais observado frequentemente, denominado *cyberbullying*, onde as ofensas e ameaças são feitas através do uso da tecnologia de informação como emails, telefonemas, mensagens por *paggers* e celulares, fotos digitais, sites pessoais difamatórios, ações difamatórias online, praticado por um indivíduo ou grupo para causar danos morais a outro(s).

De acordo com Lopes Neto (2005, pg. 167) são considerados alvos de *bullying* o aluno exposto de forma repetida e durante algum tempo às ações contínuas executadas por um ou mais alunos. Geralmente, este aluno é pouco sociável, inseguro, desesperançado quanto à adequação ao grupo, infeliz e tem baixa autoestima, que por estar tão comprometida faz com que acredite ser merecedor das críticas e maus-tratos sofridos.

A rejeição é um fato que precisa ser notado, tanto pela família quanto pela escola, pois geralmente a criança que está sofrendo *bullying* não demonstra claramente a situação vivenciada, seja por vergonha ou por recear de críticas ainda mais severas.

Situações como esta, embora raras, pode fazer com que o provocado apresente atitudes de autodestruição ou intenções suicidas ou adote medidas drásticas como atos de vingança, reações violentas, portar armas ou cometer suicídio.

Apesar de não existir estudos precisos sobre métodos educativos familiares que estimulam ao desenvolvimento de alvos de *bullying*, percebe-se que a proteção excessiva dos pais gera nos filhos dificuldades para enfrentar os desafios e se defender, o que causa um tratamento infantilizado com comprometimento psíquico e emocional por não conviver bem no grupo do qual faz parte.

A criança que sofre este tipo de agressão somente quebrará o silêncio se sentir respeitado e valorizado no ambiente em que vive. Conscientizá-las que o *bullying* é inaceitável e que não deve ser tolerado permite um enfrentamento mais firme, com tolerância e liberdade tanto na escola quanto no ambiente familiar.

Para Euélica Fagundes Ramos, como o ato tornou-se popular, a tendência é envolver uma variedade de comportamentos antissociais e impulsivos.

O autor sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Ele pode manter um pequeno grupo ao seu redor para auxiliar nas agressões ou até mesmo atuar, assim, diminui sua responsabilidade e transfere para seus liderados. Os que sofrem estão mais propensos à falta, evasão escolar e têm tendência maior a apresentar comportamentos de risco como consumir álcool, tabaco

e outras drogas, portar armas, brigar e ter atitudes de má índole. Alguns autores do *bullying* tornam-se agressores por acreditarem que a prática os tornará populares e terão poder. Outros podem apresentar dano no aprendizado, receiam ser vistos como alvos perdendo seu status e tornando-se alvos. Alguns causadores também sofrem da agressão, são denominados alvos/autores. (RAMOS, 2013, pg. 04)

A combinação da baixa autoestima, atitudes agressivas e provocativas é indicativa de que a criança que encontre razões para a prática de *bullying* tenha prováveis alterações psicológicas, devendo merecer atenção especial. Em alguns casos, são crianças depressivas, inseguras e inoportunas, procuram humilhar seus colegas para encobrir suas limitações.

Nota-se que todos os envolvidos no *bullying* (alvos, autores e testemunhas) enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades na escola e no meio em que vivem. Uma criança submetida ao sofrimento se torna mais propensa a sofrer depressão e baixa autoestima quando adulto.

Com todo tumulto que o *bullying* pode causar, a criança pode sentir-se traída caso entenda que seus pais não estejam fazendo nada para mudar a situação ou ainda não acreditam nos relatos ou ações efetivas. Nos casos suspeitos, os fatores de risco devem ser investigados e abordados, perguntando diretamente à criança se sente bem na escola, se tem amigos, se é vítima ou testemunha de agressões físicas ou morais.

A família deve procurar entender o que é o *bullying* para ajudar seus filhos. Uma parceria com a escola é uma boa alternativa para o tratamento do autor. Para Lopes Neto (2005, pg. 169) um dos recursos indicados deve ser o de habilitá-lo para o controle da sua irritabilidade, que expresse sua raiva e frustração de maneira apropriada e que seja responsável por suas ações, aceitando as consequências de seus atos.

Não há dúvida de que se trata de um caso de difícil solução, logo é preciso que o trabalho seja contínuo. As ações são relativamente simples e de baixo custo, pode ser incluídas no cotidiano das escolas. Os professores podem auxiliar a resolver os casos aperfeiçoando técnicas de intervenção e buscar cooperação com outras instituições, como por exemplo, centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social.

Para Cleide Cardoso Pardim Lourenço deve haver uma luta *anti-bullying*:

A luta *antibullying* deve ser iniciada desde muito cedo, já nos primeiros anos de escolarização. A importância da precocidade das ações educacionais se deve ao incalculável poder que as crianças possuem para propagar e difundir ideias. Para que haja maior interação entre professores, pais e alunos, o que reduz a possibilidade de ocorrência do *bullying*, propõe-se com uma intervenção na escola, uma efetiva prevenção deste tipo de violência, implantando-se uma política *anti-bullying*, onde todos contribuam para que este problema seja cada vez mais discutido pelo grande público. Portanto é necessária a cooperação de toda a sociedade, sobretudo: pais, alunos, professores, funcionários, enfim, todos que estão

diretamente ligados com o contexto escolar para que o problema seja efetivamente controlado. (LOURENÇO, 2014)

Para Lopes Neto (2005, pg. 167) “aos alunos autores, devem ser dadas condições para que desenvolvam comportamentos mais amigáveis e sadios, evitando o uso de ações puramente punitivas, como castigos, suspensões ou exclusão do ambiente escolar, que acabam por marginalizá-los”.

O *bullying* tem consequências muito graves e torna-se mais problemático que o racismo e as pressões para fazer sexo ou consumir álcool e drogas entre crianças e adolescentes. Diminuir a sua ocorrência na escola pode ser uma medida de saúde pública altamente concreta para o século XXI, através da atuação de uma equipe multidisciplinar: pais, professores, profissionais de saúde. Afinal, se a sociedade não estiver preparada para lidar com o *bullying*, serão mínimas as chances de reduzir as outras formas de comportamentos agressivos e destrutivos.

Como já descrito anteriormente, os anos iniciais de uma criança são de suma importância, pois é neste período que sua personalidade começa a ser definida. A criança que apresenta conduta agressiva sabe que seus comportamentos não são adequados, no entanto, sentem dificuldade para resolver este impasse. Talvez a luta ou fuga, são soluções para este extremo.

A maneira com que os pais agem em casa tem grande influência no desenvolvimento da agressão da criança. A forma rude que existe entre pais e filhos afeta diretamente o seu comportamento, pois são como espelhos a serem seguidos. A criança observa as atitudes e ao perceber uma rejeição parental, omissão e a crueldade contra outros da família ligam diretamente a agressão.

Assim como os pais, os professores também podem ser modelos inadequados para as crianças. Na educação infantil, crianças agressivas têm problemas de concentração e aprendizagem. Quando sua dificuldade é ignorada, ela sente-se incapaz de corresponder às expectativas e geralmente perdem o autocontrole, culpando os outros pelos seus problemas, comportando de maneira desafiadora e destrutiva.

Quanto mais fracassos existem na vida das crianças maior o seu nível de agressividade e destrutividade contra o outro.

Gomide (2000) realizou um teste para avaliar a influência de filmes violentos com comportamento agressivo em crianças em dois experimentos, dos quais, participaram 520 sujeitos de ambos os sexos. O comportamento agressivo foi medido por meio de observações após assistirem a filmes violentos e não violentos. O resultado apontou que o comportamento

agressivo de crianças do sexo masculino aumentou após assistirem a um filme violento. O mesmo não ocorreu com crianças do sexo feminino.

Quando o comportamento antissocial e agressivo persiste, faz-se necessário o apoio da psicologia. Retratemos esta questão a seguir.

## **2.4 A psicologia na avaliação de comportamento agressivo infantil**

Em situações em que comportamentos agressivos persistem não se obtendo resultados satisfatórios através da intervenção família-escola, a situação deve ser encaminhada para um psicológico e/ou psiquiatra para avaliação, pois provavelmente tratar-se-á de transtorno de conduta.

Segundo Bordin e Offord, o transtorno de conduta é um dos transtornos psiquiátricos mais frequentes na infância e um dos maiores motivos de encaminhamento ao psiquiatra infantil.

Os sintomas do transtorno da conduta surgem no período compreendido entre o início da infância e a puberdade e podem persistir para a idade adulta. Quando se iniciam antes dos 10 anos, observa-se com maior frequência a presença de transtorno com déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), comportamento agressivo, déficit intelectual, convulsões e comportamentos do sistema nervoso central devido à exposição a álcool ou outro tipo de droga durante o pré-natal, infecção, uso de medicamentos, traumas cranianos. Podem ocorrer também antecedentes familiares positivos para hiperatividade e comportamento antissocial. A comorbidade com o TDAH é mais comum na infância, envolvendo principalmente meninos, enquanto a patologia com ansiedade e depressão é mais comum na adolescência, envolvendo principalmente as meninas após a puberdade. (BORDIN; OFFORD, 2000, pg. 13)

O transtorno da conduta está frequentemente associado a baixo rendimento escolar e problemas de relacionamento com colegas, trazendo limitações na escola e na sociedade.

Segundo Winnicott quando crianças sofrem privação afetiva, manifestam-se os comportamentos antissociais no lar ou em uma esfera mais ampla e assim retrata esta questão:

Sob o ponto de vista psicodinâmico estes comportamentos demonstram esperança em obter algo bom que foi perdido, sendo a ausência de esperança a característica básica da criança que sofreu privação. O ambiente é repetidamente testado em sua capacidade de suportar a agressão, tolerar o incômodo, impedir a destruição, preservando o objeto que é procurado e encontrado. (WINNICOTT, 1994)

Os maiores fatores associados a este comportamento antissocial infantil são: ser do sexo masculino, receber cuidados maternos e paternos inadequados, viver em meio à discórdia conjugal, ser criado por pais agressivos e violentos, ter mãe com problemas de saúde mental, residir em áreas urbanas e ter nível socioeconômico baixo (BORDIN; OFFORD, 2000, pg. 13)

Os mesmos autores, Bordin e Offord (2000, pg. 14) relatam que o conflito entre pais e a depressão materna estão associados a comportamentos agressivos e antissociais na escola. Quando o relacionamento conjugal é mais frágil, a contribuição da criança é de extrema importância. No momento que são difíceis de lidar, desobedientes e agressivas, favorecem na desorganização do ambiente familiar e o desequilíbrio do casal.

A influência genética é mais evidente nos casos acompanhados de hiperatividade e pode ser responsável pela maior vulnerabilidade do indivíduo aos eventos de vida e ao estresse.

Segundo Bordin e Offord os tratamentos são os mais variados possíveis, e inclui:

Os tratamentos incluem intervenções junto à família e à escola (por exemplo, psicoterapia familiar e individual, orientação de pais, comunidades terapêuticas e treinamento de pais e professores em técnicas comportamentais). Apesar de nenhum deles ser muito eficaz principalmente como intervenção isolada, quanto mais precocemente iniciada e quanto mais jovem a paciente, melhores os resultados obtidos. Salienta-se a importância das intervenções concomitantes e complementares a longo prazo. (BORDIN; OFFORD, 2000, pg. 14)

Nem sempre há recursos necessários disponíveis para socorrer a criança, família e pessoas que convivem com ela em tempo hábil para garantir a reversão do problema.

A dificuldade de atendimento psicológico nas redes públicas para auxiliar nas condutas escola-família torna-se o principal empecilho para a efetividade do tratamento.

### 3. O AUXÍLIO DO LÚDICO NA DIMINUIÇÃO DA AGRESSIVIDADE

Conforme relatado nos capítulos anteriores, a agressividade infantil quando percebida por pais e/ou escola, deve sofrer intervenção para uma eficiente reversão do problema.

Desta forma, incorporar o lúdico nas atividades escolares é uma estratégia para a diminuição da agressividade, fazendo que a criança canalize seus impulsos agressivos em atividades práticas que realmente lhe trarão aprendizado.

#### 3.1 Atividades lúdicas como método educacional na aprendizagem

No dicionário Aurélio Buarque de Holanda, encontramos a seguinte definição de lúdico: “Lúdico: [De lud(i)- + -ico2.] Adj.1. Referente a, ou que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos: a atividade lúdica das crianças [...]”

Almeida complementa esta definição:

O lúdico tem sua origem na palavra latina "ludus" que quer dizer "jogo". Se se achasse confinado a sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo. A evolução semântica da palavra "lúdico", entretanto, não parou apenas nas suas origens e acompanhou as pesquisas de Psicomotricidade. O lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano. De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo. Passando a necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente. O lúdico faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana. Caracterizando-se por ser espontâneo funcional e satisfatório. (ALMEIDA, 2008)

O lúdico engloba vários tipos de atividades, podendo ser englobada como um método real de aprendizagem no contexto escolar.

Bueno e Eggert Steindel (2006) retratam que a ludicidade está além do apenas ato de brincar, sendo valiosa para a criança:

O lúdico não está apenas no ato de brincar, está também no ato de ler, no apropriar-se da literatura como forma natural de descobrimento e compreensão do mundo. Atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento motor e psicomotor das crianças em suas atividades, principalmente em escolas de pequeno porte. (BUENO; EGGERT STEINDEL, 2006)



No contexto escolar, através de atividades lúdicas os professores são capazes de observar o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, principalmente nos domínios cognitivos e afetivos.

Segundo Nunes, a sua utilização como recurso pedagógico é valioso, sendo um forte aliado ao desenvolvimento da criança por promover prazer na execução das atividades:

O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. Em virtude desta atmosfera de prazer dentro da qual se desenrola, a ludicidade é portadora de um interesse intrínseco, canalizando as energias no sentido de um esforço total para consecução de seu objetivo. Portanto, as atividades lúdicas são excitantes, mas também requerem um esforço voluntário. (NUNES, 2008).

Para Rubem Alves (1987, pg. 01) “O lúdico privilegia a criatividade e a imaginação, por sua própria ligação com os fundamentos do prazer. Não comporta regras preestabelecidas, nem velhos caminhos já trilhados, abre novos caminhos, vislumbrando outros possíveis”.

No entanto, Piaget amplia o sentido da ludicidade, que não deve ser considerada “apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral” e por isso o desenvolvimento da criança como um todo.

Uma das fases mais importantes da vida de uma criança é a educação infantil, pois conforme anteriormente retratado, é a partir dos primeiros anos de vida que ela começa a construir sua identidade e também apresenta os primeiros sinais de agressividade que podem ter reflexos negativos em sua vida adulta.

Para Piaget a criança passa por quatro estágios de desenvolvimentos, sendo eles:

O primeiro período compreendido pelo estágio sensório-motor (0 a 2 anos); segundo período, correspondido pelo pré-operatório (2 a 7 anos); terceiro período, operações concretas (7 a 12 anos); e por último o quarto período que são as operações formais (12 anos em diante). (BOCK, 2002)

A escola tem que criar condições necessárias para o desenvolvimento cognitivo, psicossocial da criança, motor e afetivo da criança e por isto, torna-se importante a inclusão das atividades lúdicas na rotina escolar, como meio facilitador da aprendizagem e da socialização.

Inserir as atividades lúdicas como prática pedagógica é reconhecer a linguagem do nosso tempo, ampliando conhecimentos, mudando estratégias para sair das atividades em

papel ou quadro e partir para algo concreto. Para isto, todos devem ser preparados para as mudanças e transformações. Após a inserção, a alteração precisa ser registrada no Projeto Político Pedagógico da escola, certificando as atividades e seus resultados para que possam ou não ser utilizadas como ferramenta na melhoria da qualidade do aprendizado das crianças.

As atividades lúdicas devem ser adequadas e direcionadas para cada idade. Na primeira infância (1 ano e meio ou até os 6 ou 7 anos), devem estimular a imaginação, criatividade e raciocínio, através de brincadeiras que apresentem um objetivo claro. Desta forma, as atividades deixarão de ser passatempo e se tornarão essenciais no desenvolvimento integral da criança. Para as crianças com idade superior a 7 anos, as atividades lúdicas são abordadas na Educação Física, através de exercícios físicos saudáveis e intensos, que propiciarão o desafogo de dificuldades emocionais e sentimentos agressivos, fortalecendo entre outras coisas a autoestima e a segurança.

Na primeira infância, alguns aspectos do desenvolvimento da criança devem ser considerados para a escolha das atividades lúdicas a serem utilizadas.

#### Segundo Rodrigues:

As primeiras sensações que a criança percebe vêm de seu próprio corpo: satisfação, dor, sensações sensoriais, movimentações e deslocamentos. Assim, seu corpo é meio de ação, conhecimento e relação com o mundo exterior. O desenvolvimento da criança, portanto, está intimamente ligada ao esquema corporal, o qual depende da maturação do sistema nervoso. (RODRIGUES, 1989).

As modificações ocorrem naturalmente de acordo com a idade alcançada no seu processo de desenvolvimento:

Até um ano e meio a criança desenvolve os problemas por meio de ação, movimento e tato. Aos dois anos ela é capaz de evocar e representar os movimentos sem executá-los. Mediante a ação mímica ela representa os acontecimentos que a interessam. Por exemplo, imitando o barulho do motor, faz um objeto girar pelo chão, tal como o pai faz ao dirigir o carro. Ao lado da mímica aparece o jogo representativo, o qual funciona de forma compensatória, de acordo com os desejos e temores da criança. Assim, a boneca apanha, chora, é operada, toma injeção. (RODRIGUES, 1989).

Quando a criança começa a andar, ela adquire independência e segundo Ceballos *et al* (2011) aos dois anos e meio a criança toma consciência do seu “eu corporal”, passando a explorar cada vez mais o ambiente ao seu redor.

Segundo Rodrigues (1989) no terceiro ano de vida já é capaz de caminhar nas pontas dos pés e saltar. Nessa fase a criança já possui coordenação e maior domínio da lateralidade, o que lhe possibilita a conquista da autonomia. No aspecto da linguagem, a criança aumenta a possibilidade de comunicação e socialização.

As palavras substituem as ações físicas. Se considerarmos o ato da fala também como uma ação física, diríamos que certas ações físicas substituem outras, de outro nível, uma pessoa, quando começa a falar, pode, através da fala, deixar de realizar certas ações motoras, que passam a ser simbolizadas. A linguagem é fundamental, não só para a construção de um nível de cada vez mais elevado de pensamento, mas mesmo para a estruturação de outros atos motores. Não podendo falar, o recurso da criança para agir com o mundo são as sensações e os movimentos corporais. (FREIRE, 1997, p.31).

No período da primeira infância, a imaginação é um traço marcante da faixa etária o que pode ser ainda mais desenvolvido através da inclusão de atividades lúdicas neste período.

Kishimoto afirma que:

Enquanto brinca, o ser humano vai garantindo a integração social além de exercitar seu equilíbrio emocional e atividade intelectual. É na brincadeira também que se selam parcerias, porém o aprendizado não deve estar presente só na escola, mas também como parte do dia-a-dia, na medida em que a criança progride em seu desenvolvimento e amadurecimento é necessário que ela manifeste o que é próprio de cada etapa de sua vida. (KISHIMOTO, 2010)

As atividades podem ser abordadas de formas simples com as crianças, como por exemplo, na representação e imitação:

Atividades onde a criança possa fazer representações no uso de sua linguagem, por imitações e com criações, podem ser de grande valia para seu desenvolvimento, como por exemplo: imitar animais, pessoas, representar histórias, criar personagens, criar novas situações, etc. Ter a condição de incorporar em suas representações a sua imaginação, os seus sonhos e os seus desejos, em um processo de construção mental. (CAVALLARI, 2006).

De acordo com Freire as crianças, quando vão à escola pela primeira vez, sofrem com a nova situação:

Geralmente se traumatizam e acabam chorando por dias, devido à separação das coisas e pessoas. Acreditam que a escola, por ser um local fechado, perde a liberdade com o passar dos dias, vão se acostumando com o ambiente, fazem amigos e acabam se divertindo com as brincadeiras, quando lhe é permitido (FREIRE, 1997, pg. 19).

Ainda existem muitas escolas que não veem a importância do brinquedo e a atividade lúdica para a criança, achando que só a alfabetização é importante.

De acordo com FREIRE (1997, pg. 20): “De que nada vale esse enorme esforço para alfabetização se a aprendizagem não foi significativa. E o significado, nessa primeira fase de vida depende, mais do que qualquer outra, da ação corporal”.

Conforme Malaquias e Ribeiro o lúdico é parte integrante do mundo infantil da vida de todo ser humano.

Os jogos e brinquedos fazem parte da infância das crianças, onde a realidade e o faz de conta intercalam-se. O olhar sobre o lúdico não deve ser visto apenas como diversão, mas sim, de grande importância no processo de ensino-aprendizagem na fase da infância. (MALAQUIAS; RIBEIRO, 2003)

Neste contexto tornam-se válido esclarecer a diferença entre brinquedo, brincadeira e jogo, vocábulos amplamente abordados nas atividades lúdicas.

Para Didonet:

É uma verdade que o brinquedo é apenas o suporte do jogo, do brincar, e que é possível brincar com a imaginação. Mas é verdade, também, que sem brinquedo é muito mais difícil realizar a atividade lúdica, porque é ele que permite simular situações [...] Se criança gosta de brincar, gosta também de brinquedo. Porque as duas coisas estão intrinsecamente ligadas. (DIDONET, 2001, pg.11).

Sob ponto de vista de Didonet, não basta apenas disponibilizar para crianças brinquedos, o lúdico deve está atrelado ao brincar.

A brincadeira deve ser realizada de maneira natural e espontânea pela criança. Ao brincar a criança se expressa, mergulha no mundo da imaginação, do faz de conta, socializa, se comunica e interage com o outro. E nessas ações, o lúdico acontece. É importante que o educador pense o brincar como forma de aprendizado e não como meio de passar tempo. Pois no ato do brincar a criança desenvolve suas potencialidades, autonomia, autoestima e na interação com o outro, cria laços de afetividade, contribuindo assim, para seu reconhecimento (DIDONET, 2001, pg.12).

O brinquedo pode ser visto sob dois aspectos: como um objeto auxiliar na atividade lúdica ou como instrumento da brincadeira nas atividades de recreação. Qualquer objeto pode ser um brinquedo, inclusive o corpo.

A criança tem o poder da imaginação a ponto de transformar qualquer objeto em brinquedo através da fantasia do faz de conta.

Para Juliana Tavares Maurício o brinquedo contém sempre uma referência ao tempo de infância do adulto com representações vinculadas pela memória e imaginações. Para a autora:

O vocábulo “brinquedo” não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois conota a criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Enquanto objeto, é sempre suporte de brincadeira. A diversão é a oportunidade de desenvolvimento. Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporcionam o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração e da atenção. (MAURÍCIO, 2011)

Segundo Velasco (1996), em todos os tempos, para todos os povos, os brinquedos evocam as mais sublimes lembranças. São objetos mágicos, que vão passando de geração a geração, com um incrível poder de encantar crianças e adultos.

Kishimoto aborda a questão do brinquedo como um complemento do indivíduo:

O brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo, o brinquedo educativo conquistou espaço na educação infantil. Quando a criança está desenvolvendo uma habilidade na separação de cores comuns no quebra-cabeça à função educativa e os lúdicos estão presentes, a criança com sua criatividade conseguem montar um castelo até mesmo com o quebra cabeça, através deste utiliza o lúdico com a ajuda do professor (KISHIMOTO, 2001, p.30).

Para Kishimoto (1994) o brinquedo é diferente do jogo, este caracterizado pela imposição de regras. Já o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, não há um sistema de regras que organizam sua utilização.

Neste contexto, Freire caracteriza os jogos educativos:

Os jogos educativos estimulam o raciocínio, atenção, concentração, compreensão, percepção visual, coordenação motora, dentre outras. Onde a criança utiliza brincadeiras com cores, formas, tamanhos que exigem a compreensão, brincadeiras de encaixe que deve haver noções de sequência, quebra-cabeça, etc. (FREIRE, 1997).

Os brinquedos por serem objetos manipuláveis tornam-se recursos voltados ao ensino por envolver a criança de forma prazerosa, permitindo a ação intencional, o desempenho motor e a troca na interação com os coleguinhas.

Tudo o que for utilizado para o uso da brincadeira, denomina-se brinquedo. É tudo aquilo que faça a criança se envolver emocionalmente ou fisicamente, permitindo uma interação de forma real.

Para Cebalos *et al* (2011) o brinquedo convida a criança para brincar, para se divertir, no entanto, para que os brinquedos provoquem desafios, devem estar adequados ao interesse, necessidade e capacidade, especificados pela faixa etária da criança. Pois somente desta forma se tornará um estímulo e trará maior benefício para o desenvolvimento infantil.

Quando se propõe a utilização do brinquedo como atividade inicia-se a brincadeira.

Enquanto o brinquedo permite o desenvolvimento da criança, brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades.

Segundo Kishimoto “As brincadeiras podem ser o elemento chave para a estimulação lingüística” (KISHIMOTO, 2010, p 37).

Concorda como este pensamento, Rabinovich:

A integração entre o corpo, o movimento, o espaço e os brinquedos, ou brincadeiras que movimentam o corpo é fundamental para desenvolvimento da criança pequena. É no brincar que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, explorando o mundo por meio do seu corpo. (RABINOVICH, 2007)

Para Cebalos *et al* a brincadeira refere-se, basicamente, a ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não estruturada, onde a criança utiliza o imaginário e imita o real.

Quando brincam de faz de conta as crianças analisam aspectos da vida cotidiana e conquistam espaços de poder que as auxiliam a confrontar o mundo e os adultos. É o faz de conta uma das principais marcas da entrada da criança no jogo simbólico, no universo da cultura e da sociabilidade. (CEBALOS *et al*, 2011)

Na educação infantil, o brincar está sempre presente, pois é brincando que a criança entende o seu mundo.

É brincando que ela aprende. Por meio da brincadeira a criança interage com o meio (objeto, pessoas). A brincadeira pode ou não ter regras. Ela oportuniza a imaginação e suas regras são “abertas” e sugere participação mais livre e descontraída, bem dentro do espírito da atividade lúdica. É a ação que a criança desempenha ao concretizar as possíveis regras, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação. Dessa forma brinquedo e brincadeira relacionam-se com a criança e não se confunde com jogo (KISHIMOTO, 2010).

A brincadeira é fundamental para o desenvolvimento infantil, sendo neste sentido favorável.

A brincadeira é uma forma de se divertir típico da infância, isto é, uma atividade natural. Por isso é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significativos. A brincadeira é assim, a realização das tendências que não podem ser imediatamente satisfeitas. Situações imaginárias constituem parte da atmosfera emocional do próprio brinquedo. Nesse sentido, a brincadeira representa um fator favorável e, portanto, promove o desenvolvimento infantil (VYGOTSKY, 1998).

Como a brincadeira motiva, cativa e envolve, ela se torna significativa e desperta o interesse da criança. Há inúmeras brincadeiras conhecidas, que utilizam ou não brinquedos e que favorecem a intuição: como cantigas de roda e folclóricas, brincadeira de rua faz de conta.

Além das já existentes, sempre há possibilidade de se criar novas brincadeiras, se a criatividade e a imaginação forem respeitadas.

Vale retomar a conceituação do jogo, que por sua vez, tem características lúdicas da brincadeira, mas com algumas diferenças, conforme retratado por Neto:

O jogo tem as características lúdicas da brincadeira, no entanto, suas regras são mais determinadas e “fechadas”. Ela induz a criança a um respeito, exigindo uma atenção, controle e raciocínio maior. Jogo e recreação têm uma relação direta, pois pela sua ludicidade ele é recreativo também, considerando sua pluralidade, o jogo deve ser motivador, ter intenções, significados, objetivos e formas. (NETO, 2001).

Piaget (1994) o jogo é a construção do conhecimento, principalmente, nos períodos sensório motor e pré-conceitual (operatório). Através dos objetos as crianças agem e são capazes de estruturarem seu espaço, seu tempo, desenvolverem noções de casualidade chegando à representação e a lógica.

Ao ressaltar a importância do jogo, Piaget (1994) focaliza no momento em que a criança, ao relacionar-se no mundo dos adultos, pela falta de compreensão da realidade, acaba achando as coisas estranhas, como por exemplo, algumas regras, atividades e conceitos que lhe são determinados, como a hora de dormir, comer, tomar banho, não mexer em certos objetos, dentre outros. Com isso a criança tenta aproximar o mundo real a sua própria realidade, procurando satisfazer suas necessidades afetivas e intelectuais.

Segundo Cebalos *et al* (2011) o jogo favorece o domínio das habilidades de comunicação, nas suas várias formas, facilitando a auto-expressão. Por meio dos jogos as crianças são estimuladas a exercícios de atenção, uso progressivo dos processos mentais e estímulo à imaginação de todas as suas vontades e desejos.

“O jogo contém um elemento de motivação que poucas atividades teriam para a primeira infância: o prazer da atividade lúdica”. (FREIRE, 1997, p.75)

Para Freire (1997, pg. 116) “o jogo de exercício não tem outra finalidade que não o próprio prazer de funcionamento. Já o jogo simbólico é o fato de faz de conta e o jogo de regras representa as normas que são impostas”. Entretanto, independente da forma contribui de maneira significativa no desenvolvimento infantil.

O jogo como desenvolvimento infantil, evolui de um simples jogo de exercício, passando pelo jogo simbólico e de construção, até chegar ao jogo social. No primeiro deles, a atividade lúdica refere-se ao movimento corporal sem verbalização, o segundo é o de faz de conta, a fantasia, o jogo de construção é uma espécie de transição para o social. Por fim o jogo social é aquele marcado pela atividade coletiva de intensificar trocas e a consideração pelas regras (FREIRE, 2002, p 69).

Com toda esta abordagem, não há como negar a importância do aspecto lúdico no desenvolvimento da criança e na aprendizagem, contribuindo de maneira significativa para o seu desenvolvimento físico e mental. Na infância, a imaginação é muito mais fértil e rica do que na idade adulta.

Para Piaget (1971) a escola desempenha um importante papel no desenvolvimento da criança, visto que as trocas proporcionadas pelo ambiente escolar permitem o desenvolvimento da mesma.

Se a escola estabelece um ambiente onde a criança possa interagir e trocar conhecimentos a partir de sua realidade, o desenvolvimento emocional se concretizará. Quando a escola valoriza as atividades lúdicas ela possibilita que a criança desenvolva a afetividade, a sociabilidade e a criatividade, que refletirá diretamente em sua aprendizagem.

Assim, se todos os educadores e coordenadores se envolverem utilizando em suas disciplinas estratégias lúdicas, o seu trabalho se tornará mais dinâmico, prazeroso e significativo e produtivo.

Segundo Cebalos *et al*, a atividade lúdica, o jogo, as brincadeiras permitem liberdade de ação, naturalidade e prazer que raramente são encontrados em outra atividade escolar.

O lúdico é essencial para uma escola que se proponha não somente o sucesso pedagógico, como também à formação do cidadão. A convivência de forma lúdica e prazerosa com a aprendizagem proporcionará a criança, estabelecer relações cognitivas às experiências vivenciadas. (CEBALOS *et al*, 2011).

É inegável a importância do lúdico no processo de aprendizagem. Através das atividades lúdicas a criança assimila experiência, aprende regras, incorpora valores, torna-se sociável e atinge a maturidade.

Além da melhoria da aprendizagem, escolas e psicólogos encontraram nas atividades lúdicas um caminho para a diminuição da agressividade infantil, uma das principais causas do déficit de aprendizagem nos dias atuais.

### **3.2 O lúdico e a agressividade**

Conforme anteriormente abordado, a agressividade é um dos comportamentos mais rejeitados na sociedade, seja no ambiente familiar ou no ambiente escolar.



Para Maria Audenôra das Neves Silva Martins, há uma íntima ligação entre a agressividade e a frustração:

A agressividade é a qualidade do temperamento ou mecanismo de defesa do EU, que se caracteriza pelo modo destrutivo de reação. A frustração é uma desorganização emocional resultante do aparecimento de um obstáculo que impede o indivíduo de atingir um objetivo para o qual estava altamente motivado. Como a vida é repleta também de frustrações, uma dose em cada fase do desenvolvimento é salutar para o desenvolvimento do ego saudável. A motivação consiste em todo processo de ativação de um organismo, iniciado por uma necessidade e que tem por alvo um objetivo, que, em suma, vem a satisfazê-la. (MARTINS, 2014, pg. 01)

Para Martins, a criança agressiva na sala de aula, na verdade, é um deficiente afetivo, ou seja, um indivíduo incapaz, ineficaz e ineficiente para lidar com suas subjetividades e por isto precisa do apoio de educadores para vencer esta barreira.

A subjetividade é a forma particular de ser de cada ser humano – nosso comportamento; nossas emoções; nossos sentimentos; nossas singularidades. A subjetividade é a síntese singular e individual que nos identifica como pessoa. A subjetividade de cada ser é construída culturalmente, socialmente e filosoficamente. A subjetividade é a maneira de sentir, pensar, fantasiar, sonhar, amar e fazer de cada um. Por isso é que precisamos respeitar as subjetividades do outro, para sermos respeitados. É uma troca constante nas relações sociais – se quisermos viver bem. (MARTINS, 2014, pg. 02)

A escola pública precisa redimensionar o papel da agressividade na afetividade. Para Silva a agressividade na escola está também relacionada com o fazer pedagógico dos professores. Afinal, nenhuma criança, pré-adolescente ou adolescente suporta ficar sentado só escrevendo ou fazendo tarefas do livro. A escola pública e a sala de aula precisam ser prazerosas, alegre, desafiadora, inovadora para evitar a autoagressão e a evasão.

Porque a escola pública perdeu, na história, o seu espaço de construção do conhecimento. Templo do fazer e saber? Talvez um dia resgataremos este status na história! Na relação de aprendizagem o sustentáculo é o desejo. Sem o desejo de transmitir e sem o desejo de aprender não há relação de aprendizagem. Esta relação se estabelece quando se tem a coragem de compartilhar o que nós não sabemos; saber compartilhar a ignorância. Como? O professor precisa ampliar o universo simbólico dos seus alunos. A criação simbólica se faz pela via da aprendizagem, através de atividades desafiadoras para a criança. A construção do conhecimento acontece com pesquisas, descobertas, inovações, oficinas diversificadas, etc. (MARTINS, 2014, pg. 02).

Se a escola for alegre e prazerosa com a inclusão de atividades lúdicas a criança sentir-se-á motivada para frequentar e nela permanecer, e isto naturalmente diminuirá a sua agressividade. A forma lúdica canaliza a agressividade e promove a construção coletiva do saber e fazer pedagógico (MARTINS, 2014, pg. 03).

Para Silva, a escola pode canalizar a agressividade da criança de diversas formas, no entanto, as atividades lúdicas merecem destaque:

Existem diversos procedimentos, mas vamos realçar a importância das atividades lúdicas na escola como elemento importante. Por quê? Porque o aluno que demonstra ações agressivas na escola, está mostrando um déficit na experiência lúdica, na experiência do jogo. Está mostrando um déficit no espaço que lhe foi dado para mostrar que ela pode fazer. E uma criança a quem não é permitida mostrar suas potencialidades e habilidades terão dificuldades de fazer coisas e produzir. (MARTINS, 2014, pg. 03)

Para Barbosa e Gomes, alguns teóricos da brincadeira que contribuíram com seus objetos de pesquisa no âmbito brincante e demonstram a importância da brincadeira na construção da personalidade:

Áries e o histórico da brincadeira, Brougère e a cultura lúdica, Jones e brincadeiras agressivas, Huizinga e o Homo lumens, Morin e o Homo demens, Sutton-Smith e a retórica da brincadeira, dentre outros, perceberam que a criança sempre esteve sujeita às influências do meio social, e é através dessa interação que ela constrói sua personalidade, seus valores, sua cultura, seu repertório lúdico e seu caráter de Homo lumens. Nesse sentido, a compreensão sobre a relação da brincadeira e a educação apresenta diferentes facetas durante a trajetória e fases pelas quais a criança passou ao longo desses períodos históricos, desde a Idade Média até os dias de hoje, marcados pela rubrica do Homo sapiens, pela capacidade de ser inteligente; Homo faber, voltado para o trabalho e a fabricação de objetos; Homo lumens, descoberta do ser lúdico; Homo demens, capaz de delirar e também Homo zappiens, como um ser nascido na era digital (BARBOSA; GOMES, 2013, pg. 327).

Barbosa e Gomes analisam a teoria de Piaget (1971) e absorvem com a ideia de que a infância não é apenas uma etapa do crescimento para se tornar adulto.

Isso aconteceria em todas as culturas e eras históricas, sem observar o contexto, somente os estágios de desenvolvimento como fixos e imutáveis, um princípio biológico sem influências externas empobreceria a nossa compreensão. As crianças descritas por Piaget (1971) também se “enrolam” na rede de símbolos, de sonhos, do jogo, da imagem e da representação, entretanto, não podemos negar a influência da cultura nas sociedades infantis. Assim, a brincadeira, apoiada nos estudos de Gilles Brougère (2008), necessita de um ambiente sociocultural para haver relações e trocas entre os atores sociais, adaptando e estruturando as capacidades e as possibilidades do meio em que a criança se encontra. (BARBOSA; GOMES, 2013, pg. 328).

As crianças vivem uma nova era na infância, que se torna diferenciada de outros tempos, principalmente pelos atrativos lúdicos atuais: os desenhos animados, a TV, os tablets e smartphones.

Desta maneira, a brincadeira assume várias formas, seja nas brincadeiras tradicionais, de faz de conta e também naquelas que surgem por meio dos desenhos animados. Não podemos negar que a TV, a partir de seu conteúdo, principalmente dos desenhos animados, assume uma função importante na vida da criança, uma companhia no seu momento de lazer, uma maneira de divertimento, estimula a sua cultura lúdica, uma vez que passatempo exposta aos seus produtos, além de estar conectado a laptops, tablets e smartphones, o que permite que interaja simbolicamente com as imagens e linguagens oferecidas por esses aplicativos virtuais. É a impregnação cultural que vai influenciar e compor esses momentos brincantes, quando a criança se apodera e se confronta com os elementos da sua cultura ou da sociedade para empregar na brincadeira, “[...] essas imagens traduzem a realidade que a cerca ou propõem universos imaginários” (BARBOSA; GOMES, 2013, pg. 330).

Por este motivo a infância deve ser vista com um novo olhar. As brincadeiras originadas dos desenhos animados apresentam um atrativo a mais, pois incentivam o diálogo sobre os episódios e proporcionam diferentes formas de brincar com a linguagem e os personagens transmitidos pelos desenhos animados, além de ser uma referência comum entre eles.

Para Brougère (2004, pg. 272), esse momento de interação da criança e o desenho animado a faz sair do espaço do quarto familiar, para se mostrar no espaço público onde todos se conhecem para partilhar a brincadeira. Isso mostra a influência que a TV exerce sobre a criança e o espaço onde a brincadeira acontece, promovendo o desejo brincante de manifestar suas brincadeiras favoritas, e uma delas é a brincadeira de guerra expressando a agressividade e a temática da luta, principalmente na escola, entre os pares.

Percebe-se que quando as crianças se relacionam, elas esboçam características de afetividade, de ludicidade e também de agressividade, exibindo para quem quiser ver uma verdadeira miscelânea de sentimentos e comportamentos dinâmicos que se desenvolvem nessas relações sociais.

Desta forma, a agressividade não pode ser vista somente por um aspecto nocivo, mostrando a ambiguidade do termo quando se refere à brincadeira infantil, nos conduzindo a uma espécie de crise paradigmática, se brincadeira ou agressividade o que fazem quando brincam com seus super-heróis favoritos. Entretanto, não podemos frivolar este fenômeno, mas observá-lo pelo aspecto proteiforme, dinâmico e amplo da polissemia das relações, dos comportamentos e dos significados. (BARBOSA; GOMES, 2013, pg. 331)

Nesse sentido, a cultura lúdica é definida por Brougère como sendo:

[...] produzida por um duplo movimento interno e externo. A criança adquire, constrói sua cultura lúdica brincando. É o conjunto de sua experiência acumulada (“...), que constitui sua cultura lúdica”, no qual o movimento externo irá depender dos estímulos e das experiências vivenciadas durante a infância e o movimento

interno é quando ela consegue interiorizar e dar sentido a esse conhecimento aprendido. (BROUGÈRE, 1998, p. 26).

Olivier (2000), analisando a agressividade sob o ponto de vista psicanalítico, a considera como um impulso inato para a satisfação de necessidades, definido como comportamentos e manifestações corporais violentas, condutas raivosas e de crueldade, e essas ações estão presentes de uma maneira geral no cotidiano dos atores sociais. Ele entende a agressividade como algo inerente às relações sociais e uma maneira de se expressar em situações de incerteza, de ameaça e de conflito.

Segundo Barbosa e Gomes a criança sabe distinguir o que é brincadeira do que é uma briga de verdade.

Quando estão envolvidas em uma atmosfera brincante, a atividade lúdica revela seus poderes no mundo de make-believe, que é dominado e limitado pela percepção da criança e do grupo. Entretanto, quando ultrapassa essa linha imaginária demarcatória, há uma própria interferência do grupo, comunicando o fato ao adulto ou decidindo pelo game over. (BARBOSA; GOMES, 2013, página 333)

Percebe-se que grandes mudanças ocorreram na infância contemporânea e que há muitos atrativos para as crianças, que a seduzem para novas atividades que não são oferecidas pelas escolas, conforme abordado anteriormente. A desmotivação aliada às frustrações internas conduzirá a manifestações de agressividade no ambiente escolar, como uma fuga para suas deficiências afetivas.

Segundo Martins (2014, pg. 04) a agressividade na sala de aula, pode se manifestar de diferentes formas, como rasgar cadernos, riscar paredes, quebrar lápis ou cadeiras, falar palavrões, gritar, bater. Estes são modelos de pulsões agressivas e são nestes momentos que a criança demonstra a sua deficiência de afetividade. Os psicanalistas consideram que a criança que apanhou e foi vítima do agressor, também é um deficiente afetivo, talvez mais doente do que a criança que bateu, pois talvez já tenha perdido a pulsão agressiva.

Nenhuma criança precisa ser saco de pancadas para ser considerada “boazinha”, “bem comportada” “doce de aluno”. Por isso é que todos os professores são comportamentalistas. Como gostaríamos de moldar nossos alunos. O sonho de todo professor é receber uma turma bem comportada, educada, disciplinada. Pesquisas comprovam que os professores têm um modelo de aluno – crianças aplicadas, obedientes, respeitadas, agradáveis, limpas e com bons modos. O sonho do aluno ideal, da turma ideal só existe nas teorias educacionais, na prática o nosso aluno é real. (MARTINS, 2014, pg. 04)

Quando a criança não sabe lidar com suas subjetividades e por não ter maturidade para entender a realidade, surge a frustração e a culpa que se manifestam como atitudes agressivas. Na teoria parece simples, mas no ambiente escolar, surgem outras interpretações clássicas para o problema: “ele está agressivo porque os pais estão se separando”; “ele é agressivo porque os pais são separados”; “ela é agressiva porque é adotada”; “ela é agressiva porque é filha única e muito mimada”; “é agressivo porque vive na rua, pede esmola, passa fome, não tem família, os pais são agressivos, não têm limites, veio da favela, usa drogas, etc.”

As distorções familiares, conjugais, sociais e econômicas dos alunos não podem ser solucionadas no ambiente escolar, mas os educadores podem usar as atividades lúdicas para motivar e auxiliar o aluno para canalizar suas frustrações e agressividade e simultaneamente introduzir um conteúdo teórico que se faz necessário.

A agressividade tornou-se um problema grave e angustiante em muitas escolas, pois os educadores muitas vezes também são deficientes afetivos para lidar com ela, não sabendo intervir corretamente.

Para Martins quando as escolas adotam rotinas repressoras, como deixar a criança agressiva na sala durante o recreio escrevendo as tarefas, fazendo cópias, ficar sem o recreio sentado na direção, ou na sala do “apoio pedagógico”, a criança pode reagir de igual força em sentido contrário.

Nesse clima de repressão na escola, a intranquilidade individual impede a participação. Mesmo sendo considerada uma criança inteligente na escola, o deficiente afetivo não aceita os estímulos intelectuais, pois lhe falta eficiência emocional para enfrentar as situações regulares da aprendizagem formal. A escola precisa ajudar a criança com pulsão agressiva acumulada e desordenada. Se há dificuldade em suportar frustração, que sejam dosadas em proporções toleráveis. O prazer e o desprazer têm papel igualmente importante no desenvolvimento psíquico. A frustração está incorporada ao desenvolvimento infantil, sem o grau de frustração a cada fase/etapa do desenvolvimento, não é possível um satisfatório desenvolvimento do ego. (MARTINS, 2014, pg. 05)

A escola pode diminuir a agressividade e a autoagressão através da atividade lúdica na sala de aula, no recreio e, em diversas atividades extracurriculares.

O brincar espontâneo ou direcionado é o meio natural de relação da criança com o seu mundo interno e externo. Através do brinquedo e da brincadeira a criança agressiva faz uso de estratégias para afrontar suas dificuldades na busca do seu equilíbrio.

Segundo Martins (2014, pg. 04) “a atividade lúdica é catártica para a criança, ou seja, ela purifica as subjetividades quando fornece elementos favoráveis às mudanças de crianças

agressivas desculpando o seu corpo, a sua mente. O corpo fala, através das emoções, das brincadeiras, dos gestos, da linguagem verbal e gestual”.

O brincar é uma linguagem metafórica e sendo utilizada na escola canaliza a pulsão agressiva surgindo um novo espaço de vivência e convivência. O brincar espontâneo abriga na sua simplicidade de ação, possibilidade de expansão do indivíduo pelos caminhos do imaginário, reduzindo-o a lugares esquecidos, espaços desejados, escolhas impossíveis, até se dar conta de novas possibilidades na sua realidade. É brincando que as crianças desenvolvem capacidades importantes como atenção, imitação, memória, criação e amadurecem competências para a vida coletiva. Destaque nesta discussão para brincá-lo de faz de conta, a fantasia e o imaginário. A fantasia é uma construção, não se pode construí-la do nada. São necessários materiais e modelos, e a escola pública, mesmo com poucos recursos pode fornecer elementos para serem trabalhados o imaginário e o real. A sucata é um excelente material para a criança estimular a sua imaginação. (MARTINS, 2014, pg. 04)

Quanto mais a criança brinca, maiores serão as chances de ela canalizar sua pulsão agressiva.

Todos os tipos de brincadeira, brinquedo, jogo, quando direcionados para a idade e utilizados com um objetivo claro, auxiliarão na diminuição da agressividade.

Tabela 1. Materiais e brinquedos que auxiliam a liberação da agressividade.

<b>Material/brinquedo</b>	<b>Significado</b>	<b>Benefícios</b>
Bolas	Por analogia de forma representam os seios maternos, com a mãe inteira que por um lado nutre, acalanta, protege e por outro lado podendo abandonar. Sejam grandes, ameaçadoras, agressivas e esmagadoras, no contato suave podem ser identificadas pela criança como aquele que ama a quem deseja que tivesse e que perdeu.	A mobilidade favorece a relação espontânea, diminui distâncias, revela vínculos, mas pode servir para agressão, permitindo o anonimato que isenta de culpas.
Bambolês	Simbolicamente representam: casa, lugar de segurança, ventre, útero que contém fisicamente e mãe que contém afetivamente. Em contrapartida também é prisão que fecha tudo, que limita a liberdade.	Para a criança podem ser: EU mesma fechada dentro de meus limites, limitações de meus desejos, minhas inibições e proibições.
Bastões de papelão ou espuma	Simbolizam armas, fuzis ou espadas e representa uma dimensão fálica, estimulando destruição, inveja, provocação, contendo toda possibilidade de representação e luta pelo poder.	Para o menino: destruir o falo (pênis) do outro, do pai. Para a menina: o símbolo do poder do homem. Com isso redimensionam a dimensão fálica – descoberta e interesse pelo prazer localizado nos órgãos genitais.

<b>Material/brinquedo</b>	<b>Significado</b>	<b>Benefícios</b>
Cordas	Símbolo de dominação e submissão assegura a dominação animal a si mesmo, representa, na agressão, estrangulamento, provocação, autocastração, punição. Destroem vínculos pela perda de liberdade, amarras e dependências, aprisionam e até paralisam.	Simbolicamente é o cordão umbilical. São indestrutíveis, se desembaraçam fácil e projetam várias imagens. É preciso cortar, para conquistar autonomia. Desejo de união e medo de perder a liberdade.
Caixas de papelão	Simbolicamente pode ser a casa que protege ou metaforicamente a mãe. Nela se habita, se penetra se refugia se encolhe, se retorce em posição fetal, mas ela pode acabar destruída. Melhor forma de expressão amor e ódio.	Um lugar aberto ou fechado, onde a criança pode encher esvaziar e unificar. Simbolicamente pode ser um carro, um barco – depende da imaginação. Elas favorecem a necessidade básica de destruição ou desagregação, exatamente por perderem totalmente as suas formas originais ao ficarem em pedaços.
Tecidos e retalhos	Representam tudo que pode envolver múltiplas transposições desde a placenta, envolvimento materno, calor afetivo até a mortalha, o enterramento, a sepultura. Além disso, pode trazer agressividade por meio de sufocamento, aprisionamento ou até espancamento	Sob os panos, intimidade e proteção. Proteção do olhar do outro, do outro que julga. Elemento de cumplicidade que desculpabiliza, que esconde junto com outro, redescobrimo esse outro a quem cobre e descobre

Fonte: MARTINS, 2014, p. 05-07

A participação dos educadores na formação dos alunos é de extrema importância para que as mudanças aconteçam. Desta forma, opondo-se ao atual método educacional, educadores com senso crítico serão capazes de auxiliar na canalização da agressividade no ambiente escolar, o que refletirá diretamente na melhoria da aprendizagem e no sucesso escolar.

Qualquer jogo, brincadeira ou brinquedo já existente ou criado pelo professor será útil e de grande valia no aprendizado.

## CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento do presente estudo pôde nos mostrar o quanto a família e a escola são importantes no desenvolvimento intelectual da criança. Notamos ainda que a grande parte da agressividade das crianças é desenvolvida devida o ambiente em que vive ou frequenta. Alunos que sofrem de deficiência afetiva no ambiente familiar, “imploram” por atenção, e talvez a maneira que encontram para extravasar suas frustrações, ou chamar a atenção é através da agressividade.

Nosso objetivo foi demonstrar como o lúdico auxilia na diminuição da agressividade infantil na escola ou até mesmo no ambiente familiar. A escola tem um papel de extrema importância nesta formação, pois através do conhecer “brincando” a criança desenvolve habilidades que não era possível reconhecer.

Atualmente a agressividade é um assunto muito discutido e que causa muita preocupação entre família, escola e o meio em que vivemos. Esta difícil situação por vezes é ignorada pelos pais, pois os mesmos acham que pode ser algo passageiro e quando se dão conta da situação, já está fora do controle.

Os pais são os responsáveis pela omissão do comportamento agressivo com receio de punir o filho, e isto faz com que eles futuramente sintam-se frustrados na educação da criança. Desta forma, quando ignora a questão, ela adia uma possível intervenção que poderia se iniciar nos primeiros sinais da opugnação e promover a reversão do problema ainda na primeira infância. A reversão neste período é de suma importância para evitar a evolução dos sintomas da agressividade evitando que estes se transformem em transtornos de conduta na vida adulta.

Algumas crianças podem sofrer e afastar-se do convívio social, assumindo uma conduta antissocial. Outras manifestam suas insatisfações e frustrações através de atitudes agressivas físicas ou verbais. Uma maneira de notar a mudança de comportamento é observando se a criança está intolerante ao que antes suportava sem questionar. Mais uma vez a ausência de afetividade e a maneira não notória da mesma fazem com que se distancie cada vez mais e os problemas se estendam com a idade e conseqüentemente se agravem.

A agressividade pode se manifestar em diferentes classes sociais, normalmente por deficiência afetiva, rejeição da criança ou até mesmo por excesso de proteção dos pais. Uma maneira auxiliar esta criança para a reversão do problema é através da intervenção da família e/ou escola, para que ela consiga expressar o sentimento que tem consigo, seja ele bom ou ruim.



Como a hostilidade pode ser demonstrada de diversas maneiras, desde gritos, ameaças, quebra de objetos, xingamento ou até mesmo a autoagressão, a família e a escola devem ficar atentas aos possíveis sinais que a criança demonstra no dia-a-dia.

A escola enfrenta desafios diários já que em uma sala de aula por menos numerosa que ela seja, cada criança é diferente da outra, vive em ambientes que não são os mesmos, o que dificulta ainda mais a dedicação de atenção especial à criança que apresenta comportamento agressivo. O fato de a criança ter comportamento agressivo faz com que todo processo que deveria ser vivenciado na escola acabe não sendo aproveitado da maneira que deveria, resultando em déficit de aprendizagem.

Uma das maneiras de lidar com a agressividade na escola é tentar aproximar a criança de atividades que ela goste e que sejam mais prazerosas e desafiadoras, não somente nas aulas de educação física, mas também em outras disciplinas. As disciplinas podem conquistar a criança através de brincadeiras e jogos cooperativos onde os participantes são desafiados e sentem necessidade de vencer o que foi proposto. Assim, a criança sente prazer em fazer algo diferente através de uma competição de maneira saudável.

Desta forma, corpo docente e escola podem contribuir de maneira positiva para a reversão da agressividade, pois punir ou castigar uma criança que manifesta sua raiva não é a melhor maneira, já que em casa, a situação pode ser de repressão. Certamente com a punição não conseguirá atingir o objetivo que é ajudar a criança vencer esse desconforto.

Os pais são os melhores informantes da criança, por isso devem ficar atentos a toda e qualquer mudança comportamental em casa e no ambiente em que vive. Assim, a escola pode auxiliar na reversão da agressividade manifestada pela criança em um determinado momento.

Ao ter a junção de família e escola, fica menos difícil encontrar uma possível reversão para o comportamento inadequado da criança. No entanto, é de responsabilidade dos pais toda e qualquer escolha no método de educá-la.

Muitas vezes a agressividade é manifestada devido ao tormento que a criança vem passando ao ser vítima de *bullying*. Neste caso, muitas vezes o agressor sofre calado até o momento que não mais consegue guardar para si e demonstra comportamentos agressivos. O *bullying* precisa de uma séria intervenção da família e da escola para que não atinja proporções devastadoras.

O acompanhamento psicológico seria o ideal para as crianças agressivas, porém raras são as escolas que tem atendimento com o psicólogo e muitas vezes para conseguir uma consulta ou acompanhamento em hospitais públicos, a demora é intensa. Com isso, a criança fica impossibilitada de receber ajuda a tempo de reverter o problema.

Algumas escolas estão apostando no lúdico para diminuir a agressividade entre os alunos através de brinquedos, brincadeiras ou jogos. As atividades lúdicas possuem diversas características libertadoras que fazem com que a autoestima da criança volte a ter evidência. Ela pode estabelecer o seu próprio ritmo e vencer os desafios propostos entre a turma ou mesmo internamente.

Não podemos deixar que os jogos cooperativos tornem-se simplesmente competitivos. É necessário que possua objetivos claros das habilidades e valores a serem desenvolvidos, como por exemplo, vencer e ser vencido, saber dividir, compartilhar experiências. Esta cooperação mostrará o respeito que cada um deve ter com o outro. Assim, as crianças podem ficar cada vez mais unidas, aprendem a trabalhar em grupo atingindo o desenvolvimento psicossocial e passam a perceber que nem sempre o resultado será satisfatório, ou seja, que nem sempre se ganha.

O lúdico contribui para a criatividade e a imaginação, o que desperta o prazer em desenvolver o que lhe foi proposto. A escola que cria esta condição ao aluno inclui cada vez mais o lado afetivo e motor o que facilita o aprendizado. Portanto, a escola precisa estar preparada para incluir as mudanças na sua rotina, saindo um pouco do quadro, papel e lápis e partir para o concreto. As atividades devem ser adequadas para cada faixa etária, pois somente assim estimulará a criatividade, a imaginação e a melhoria do aprendizado.

Acreditamos que o esforço e a dedicação dos professores devam ser enormes, mas se cada um fizer a sua parte, passaremos a ter uma educação mais inclusiva, melhor aprendizado e resultados positivos para todos. Contudo, entender as manifestações agressivas na fase inicial escolar da criança ajudará na maneira a ser escolhida para a reversão do problema. Assim, a família é parte essencial da junção escola e educação.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, A. *Ludicidade como instrumento pedagógico*. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>>; Acesso em: 13 out. 2017.

ALVES, R. *A gestação do futuro*. Campinas: Papirus, 1987. pg. 01.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520: 2002: Informação e documentação: Citações em documentos: Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002, 07 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023:2002: Informação e documento: Referências: Elaboração*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. 24p.

BALLONE, G. J. *Violência e Agressão da criança do adolescente e do jovem*. Disponível em: <<http://www.altavista.om.br>>. In: PsiqWeb, Psiquiatria geral, Internet, 2001. Acesso em 28 fev. 2017

BALLONE, G.J.; MOURA, E.C. *Problemas Emocionais na Escola*, Parte 1, in. PsiqWeb, Internet. Disponível em: <[www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br)>, revisto em 2008. Acesso em: 04 mar. 2017.

BALLONE, G.J.; MOURA, E.C. *Violência e Agressão; da criança, do adolescente e do jovem - in. PsiqWeb, Internet*. Disponível em: <[www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br)>, revisto em 2004. Acesso em: 03 mar. 2017

BARBOSA, R. F. M.; GOMES, C. F. *Os super-heróis em ação — podem os desenhos animados sugerirem uma orientação estética lúdico-agressiva?* Revista Eletrônica de Educação, v. 7, n. 1, mai. 2013. Artigos. ISSN 1982-7199. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/437/252>>. Acesso em: 10 dez. 2017

BARROS, P.; SILVA, F. B. N. *Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e adolescência*. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 2006 Volume 2 Número 1 55-65. Disponível em: <[http://www.rbtc.org.br/audiencia\\_pdf.asp?aid2=36&nomeArquivo=v2n1a06.pdf](http://www.rbtc.org.br/audiencia_pdf.asp?aid2=36&nomeArquivo=v2n1a06.pdf)>. Acesso em: 04 abr. 2017.

BERGER, K. S. *O Desenvolvimento da Pessoa: da infância à adolescência*. Rio de Janeiro: LTC editora, 2003. pg. 202.

BOCK, A. M. B. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. Ed. Reform. e ampl. – São Paulo: Saraiva 2002.

BORDIN, I.A.S.; OFFORD, D. R. *Transtorno da conduta e comportamento anti-social*. Rev. Bras. Psiquiatr. [online]. 2000, vol.22, suppl.2, pp.12-15. ISSN 1516-4446. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462000000600004>> Acesso em: 28 mar. 2017.

BORSA, J. C.; BANDEIRA, D. R. *Uso de instrumentos psicológicos na avaliação do comportamento agressivo infantil: análise de produção científica brasileira*. Avaliação Psicológica, 2011, 10(2), pg. 193-203. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/153004599/UsodeInstrumentosPsicologicosdeAvaliacaoDoComportamentoAgressivoInfantil>> Acesso em: 22 nov. 2017.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. *Concordância parental sobre problemas de comportamento infantil através do CBCL*. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2008, vol.18, n.40, pp. 317-330. ISSN 0103-863X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000200009>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

BROUGÈRE, G. *A criança e a cultura lúdica*. In: KISHIMOTO, T. M. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 1998. pg. 26.

BUENO, S. B.; EGGERT STEINDEL, G. *A biblioteca e a brinquedoteca: mediadores do livro, objeto prazeroso de saber e lazer no ambiente escolar*. Ciênc. cogn., Rio de Janeiro, v. 8, p. 10-21, ago. 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180658212006000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180658212006000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CASPI, A. *Personality Development across the life course*. Em: W. Damon, (Org.). *Handbook of child psychology*. New York: Wiley, 1998. pg. 59.

CAVALLARI, M.V. (org). *Recreação em ação*. São Paulo: Ícone, 2006.

CEBALOS, N. M.; MAZARO, M. Z.; CERALDI, M. P. C.; ARANTES, R.; *Atividade lúdica como meio de desenvolvimento infantil*. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd162/atividade-ludica-como-meio-de-desenvolvimento.htm>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

CLONINGER, C. R.; SVRAKIC, D. M.; PRZYBECK, T. R. *A psychological model of temperament and character*. Archives General Psychiatry, 50 (12), pg. 976. Disponível em: <[http://psych.colorado.edu/~carey/courses/psyc5112/Readings/TPQ\\_Cloninger04.pdf](http://psych.colorado.edu/~carey/courses/psyc5112/Readings/TPQ_Cloninger04.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2017.

DA SILVA, G. C. R.; LAROSA, M. A. *A influência de afetividade na aprendizagem escolar*. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/GISELE%20COSTA%20RODRIGUES%20DA%20SILVA.pdf>> Acesso em 24 nov. 2017.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. *Aprendizagem socioemocional na infância e prevenção da violência: questões conceituais e metodologia da intervenção*. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. *As Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem*. Campinas, SP: Editora Alinea, 2003. cap. 3, p. 83-120.

DIDONET, V. *Creche: a que veio... para onde vai...* Brasília: Revista em Aberto. v.18, n.73, jul. 2001. pg. 11

FARIZ, M.; MIAS, C.; Moura, C. B. *Comportamento agressivo e terapia cognitivo-comportamental na infância*. Em: V. E. Caballo & M. Simon (Orgs.). Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: Transtornos específicos. São Paulo: Santos Editora, 2005. pg. 57-79.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

FRANÇA, S. L.; YAEGASHI, S. F. R. *A agressividade na infância: um estudo sobre suas causas e conseqüências*. Iniciação Científica CESUMAR Jan.jun. 2005, Vol. 07, n.01, pg. 11 - 18. Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/98>>. Acesso em 27 mar. 2017.

FREIRE, J.B. *Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física*. 4º ed. São Paulo: Scipione, 2002.

FREIRE, J.B. *Educação do corpo inteiro: Teoria e pratica da educação física*. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).

GOMIDE, P. I. C. (1997). *Agressão humana. Torre de Babel: Reflexões e Pesquisa em Psicologia*, 3, 2000. pg. 71-87.

IBÁÑEZ, Jesús. *Pesquisa qualitativa*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pesquisa\\_qualitativa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pesquisa_qualitativa)>. Acesso em: 28 mar. 2017.

KISHIMOTO, M.T(Org) *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: cortez, 2010.

KISHIMOTO, T. M. *O jogo, a criança e a educação*. Tese de Livre-docência apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1994.

KLEIN, M. *Tendências criminais em crianças normais. Em Contribuições à Psicanálise*. V. I. São Paulo: Mestre Jou, 1970. pg. 197-213.

KRTICKA, E. B. *Comportamento Agressivo da Criança na Escola e sua Relação com a Violência Doméstica*. Disponível em: <<https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/comportamento-agressivo-da-crianca-na-escola-e-sua-relacao-com-a-violencia-domestica>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

LISBOA, A. M. J. *A Primeira Infância e as raízes da Violência*. Brasília: LGE Editora, 2006.

LOURENÇO, C. C. P. *Bullying no ambiente escolar*. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/bullying-no-ambiente-escolar/58584>>. Acesso em: 05 abr. 2017

MAIA, M. V. C. M.; VILHENA, J. “*Nos deram espelhos e vimos um mundo doente*”: reflexões sobre agressividade, comportamento anti-social e violência na contemporaneidade. Revista Científica Eletrônica de Psicologia, Garça, 1ª ed., nov. 2003. Seção Artigos/Ensaios. Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/dmi9sZ0X6qXEZBb\\_2013-4-30-10-42-49.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/dmi9sZ0X6qXEZBb_2013-4-30-10-42-49.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2017

MALAQUIAS, M.; RIBEIRO, S. S. *A importância do lúdico no processo ensino – aprendizagem no desenvolvimento da infância*. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

MARCELLI, D. *Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra*. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MARTINS, M. A. N. S. *Agressividade e a Atividade Lúdica na Educação Infantil uma visão psicanalítica da agressividade, do brincar e da brincadeira na escola*. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/73148519/AGRESSIVIDADE-E-A-ATIVIDADE-LUDICA>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

MAURÍCIO, J. T. *Aprender brincando: O lúdico na aprendizagem*. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp140.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

MESQUITA, M. L. G., BRUNONI, D., PINA NETO, J. M., KIM, C. A., MELO, M. H. S. & TEIXEIRA, M. C. T. V. *Fenótipo comportamental de crianças e adolescentes com síndrome de Prader-Willi*. Revista Paulista de Pediatria, 2010, 28(1). pg. 63-9.

MINAYO, M. C. S. (org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Vozes. 21ª edição, Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

NETO, A. A. L. *Bullying - comportamento agressivo entre estudantes*. J. Pediatr. (Rio J.), vol.81, no.5 suppl. Porto Alegre, Nov. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

NETO, C.A. F *Motricidade e jogo na infância*. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

NUNES, A. R. S. *O lúdico na aquisição da segunda língua*. Disponível em: <[http://www.linguaestrageira.pro.br/artigos\\_papers/ludico\\_linguas.htm](http://www.linguaestrageira.pro.br/artigos_papers/ludico_linguas.htm)>. Acesso em: 13 out. 2017.

OLIVIER, J. C. *Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, J. *A construção do real na criança*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Tradução de Álvaro Cabral e Cristiane Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo*. São Paulo: Znanhar, 1971.

RABINOVICH, S. B. *O espaço do movimento na educação infantil: Formação e experiência profissional*. São Paulo: Phorte, 2007.

RAMOS, E. F. *Violência escolar e bullying: o papel da família e da escola. As consequências da violência para a comunidade escolar*. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/administracao/violencia-escolar-bullying-papel-familia-escola.htm>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

RODRIGUES, M. *Manual teórico-prático de educação física infantil*. São Paulo: Ícone Editora, 1989.

SANTOS, E. F. *Agressividade infantil: possíveis causas e consequências*. Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/Yf48lJWnyPJPMiC\\_2013-5-13-12-34-40.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/Yf48lJWnyPJPMiC_2013-5-13-12-34-40.pdf)>. Acesso em 30 abr. 2017.

SILVA, M. C. *Métodos qualitativos*. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/metodos-pesquisa.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

TRAIN, A. *Ajudando a criança agressiva: como lidar com crianças difíceis*. São Paulo: Papyrus, 1997. pg. 14.

VELASCO, C. G. *Brincar: o despertar psicomotor*. Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1996.

VIGOTSKI, L.S *A formação Social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Psicologia e Pedagogia).

WINNICOTT, D. W. (1987). *Agressão*. Em *Privação e Delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1939). pg. 89-96.

WINNICOTT, D.W. *Privação e delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes; 1994.